

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ – PUCPR
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA STRICTU SENSU
MESTRADO EM FILOSOFIA

ORIENTADOR: PROFº DR. EDUARDO RIBEIRO DA FONSECA

ALUNA: LETICIA CAMPOS DA SILVA

**OUVIR É ASSOCIAR? A DISTINÇÃO DOS CONCEITOS “ACÚSTICO” E
“SONORO” NOS TEXTOS DE FREUD**

CURITIBA – PR

2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ – PUCPR
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA STRICTU SENSU
MESTRADO EM FILOSOFIA

**OUVIR É ASSOCIAR? A DISTINÇÃO DOS CONCEITOS “ACÚSTICO” E
“SONORO” NOS TEXTOS DE FREUD**

Trabalho apresentado no Programa de Pós-graduação em filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná para defesa do título de mestre com supervisão do Professor Doutor Eduardo Ribeiro da Fonseca.

CURITIBA – PR

2019

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB 9 /1636

S586o
2019 Silva, Leticia Campos da
Ouvir é associar? A distinção dos conceitos "acústico" e "sonoro" nos textos de Freud / Leticia Campos da Silva ; orientador, Eduardo Ribeiro da Fonseca. -- 2019
95 p. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2019.
Bibliografia: f. 91-95

1. Filosofia. 2. Estimulação sensorial. 3. Realidade. 4. Psicanálise. 5. Percepção. I. Fonseca, Eduardo Ribeiro da.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDD 20. ed. – 100



Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Escola de Educação e Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Filosofia - *Stricto Sensu*

ATA N.º 183/PPGF – DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos dez dias do mês de dezembro de dois mil e dezenove, às quinze horas na sala de Defesa, no segundo andar da Escola de Educação e Humanidades desta Universidade realizou-se a sessão pública de defesa da dissertação da mestranda **Letícia Campos da Silva** intitulada: OUVIR É ASSOCIAR? A DISTINÇÃO DOS CONCEITOS “ACÚSTICO” E “SONORO” NOS TEXTOS DE FREUD. A Banca Examinadora foi composta pelos professores: Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca, Dr. Francisco Verardi Bocca, e Dr.^a Carlota Maria Ibertis. Após a instalação dos trabalhos pelo presidente da banca, professor Eduardo Ribeiro da Fonseca, a candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e à defesa da candidata. Encerrada essa fase, os examinadores, em reunião reservada, apresentaram suas avaliações, tendo considerado a candidata 2prova2de em sua defesa de dissertação conforme as notas e o conceito registrados abaixo. Após a proclamação dos resultados, o presidente da banca outorga a candidata o título de Mestre em Filosofia. Encerrados os trabalhos às 17 h 30 min. Para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora. A avaliadora Professora Doutora Carlota Maria Ibertis, teve participação na banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e está de acordo com as notas e conceito descrito.

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA	NOTA
Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Fonseca – PUCPR		9,5
Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca – PUCPR		9,5
Prof. ^a Dr. ^a Carlota Maria Ibertis – UFBA	Participação videoconferência	9,5
MÉDIA FINAL	9,5	CONCEITO A

Prof. Dr. Jelson Oliveira
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia – *Stricto Sensu*

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço, de todo o meu coração, a Deus e a minha família por todo apoio, compreensão e entusiasmo, tornando essa jornada mais leve. Não posso deixar de agradecer a Gustavo pelo amor e companheirismo e por entender minha ausência pela dedicação a esse trabalho. Agradeço imensamente a Eduardo pelas valiosas orientações e pela confiança, essencial para a conclusão deste texto. Agradeço a banca examinadora por cada consideração e dedicação à leitura desse texto, o impulsionando ao melhor que ele poderia ser. Pela amizade, pelos cafés, pelas leituras e por cada troca teórica, agradeço a Alessandra Triaca e André Erlich. Agradeço a Claudio Eduardo Rubin pelos seminários de quinta-feira e por tantos ensinamentos. Do mesmo modo, agradeço a Julia Schlemm pelos seminários de terça-feira. Por todo apoio burocrático, agradeço a Antônia Poletini. Por fim, agradeço a cada colega que, de alguma forma, esteve presente nos diálogos e interlocuções sobre o tema.

À minha mãe, minha inspiração.

RESUMO

O objetivo central deste estudo é explicitar que não era possível caracterizar a distinção dos conceitos de acústico e sonoro nos textos de Freud antes da realidade do psiquismo estar distanciada, ao menos em partes, de uma realidade externa e dos textos metapsicológicos dimensionarem que a noção de repressão influenciava a recepção de estímulos sonoros na escuta. Partimos do texto *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* (1891/2013) o qual Freud afirma que os estímulos recebidos, a partir da sensibilidade, apenas poderiam se associar às representações que já estivessem inscritas no aparelho. A partir disso, articulamos a noção de representação da monografia das afasias com o aspecto econômico apresentado no *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996). No *Projeto*, Freud distinguiu qualidades de quantidades: enquanto a consciência e a percepção fornecem qualidades ao psiquismo, o sistema mnemônico fornece quantidades. Nestes termos, sensações e percepções são conscientes e estão sujeitas à forma como o Eu, enquanto sujeito da percepção, vai associá-las às representações já inscritas no psiquismo. Embora esses textos já afirmassem uma desordem funcional no caso da afasia e da histeria, Freud ainda não distinguia os conceitos de acústico e sonoro, pois, uma representação psíquica só seria possível se fosse equivalente ao que se apresentou enquanto estímulo externo. Porém, ainda no ano de 1897, a relação entre estímulos sonoros e reorganização de redes representacionais foi abalada pela cisão entre sintomas histéricos e mudança na concepção de sedução apontada por Freud na *Carta 71*. Entretanto, destacaremos que Freud não abandonou o objetivo de manter, ao menos em partes, alguma relação entre estímulo sonoro e sua representação. Demonstraremos como Freud (1900/2019) apontou, a partir da noção de realidade psíquica apresentada em *Interpretação dos sonhos*, uma não equivalência completa entre os estímulos sonoros e a forma como esse estímulo foi representado psicicamente, fato que reformulou a noção de fantasia. Apontaremos que são necessários, segundo Freud (1900/2019), dois momentos para que se forme uma inscrição psíquica, fato este que está ligado ao processo de tradução de uma inscrição [sentido]. Cerca de 20 anos depois, Freud (1915/2010) explicaria, através do texto *A repressão*, o mecanismo de funcionamento de uma representação que não poderia passar pelo processo de tradução, apresentado na *Carta 52*. Em 1915, Freud aponta que a “repressão primordial” não nasce com um indivíduo, ela é um mecanismo adquirido ao longo do caminho a qual este indivíduo pode se submeter, e, nestes casos, ela produz sintomas. Portanto as repressões podem produzir um efeito no psiquismo através dos sintomas.

PALAVRAS-CHAVE: Estímulo sonoro; Realidade psíquica; Percepção externa; Distinção.

SUMMARY

The central objective of this study is to make explicit that what was not possible to characterize the distinction of the concepts of acoustic and sound in Freud's texts before reality of the psyche be apart, at least in parts, of an external reality and of metapsychological texts. It is clear that the notion of repression influenced the reception of sound stimulus in listening. We start from the text *About conception of of aphasias* (1891/2013). In this text, Freud states that the stimulus received, from the sensitivity, could only associate, to the representations that were inscribed on the device. So, we articulate the notion of representation [aphasia monograph] with the economic aspect presented at *Project for a Scientific Psychology* (1895/1996). On *Project*, Freud distinguished qualities of quantities: while consciousness and perception provide qualities to the psyche, the mnemonic system provides quantities. In these terms, sensations and perceptions are aware and are subject to how the ego, as a subject of perception, will associate them with the representations already inscribed in the psyche. Although these texts already stated a functional disorder in the case of aphasia and hysteria, Freud still did not distinguish the concepts "acoustic" and "sound", therefore, a psychic representation would only be possible if it were equivalent than presented as an external stimulus. However, still in the year 1897, the relationship between sound stimulus and organization of representations was shaken by the split between hysterical symptoms and change in conception of seduction pointed out by Freud in Letter 71. However, we will emphasize that Freud did not abandon the objective of maintaining, at least in parts, some relationship between sound stimulus and its representation. We will demonstrate how, from the notion of psychic reality, presented in *Dream Interpretation*, Freud (1900/2019) pointed to a complete non-equivalence between sound stimulus and the way this stimulus was represented psychically, a fact that reformulated the notion of fantasy. We will point out that they are necessary, according to Freud (1900/2019), two moments to form a psychic inscription. This fact that is link to the process of translating an inscription [meaning]. About 20 years later, Freud (1915/2010) would explain, through the text *the repression*, the mechanism of operation of a representation that could not go through the translation process, presented in *Charter 52*. In 1915, Freud points out that the "primordial repression" not born with an individual, it is a mechanism acquired along the way to which this individual may submit, and, in these cases, it produces symptoms. It is through symptoms that repressions can have an effect on the psyche.

KEY WORDS: Sound stimulus; Psychic Reality; External perception; Distinction.

SUMÁRIO

1. SIGLAS E ABREVIATURAS	10
2. INTRODUÇÃO	11
3. CAPÍTULO I – O PROBLEMA DOS TERMOS “ACÚSTICO” E “SONORO” NOS PRIMEIROS TEXTOS DE FREUD (DE 1891-1895)	15
3.1 APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DO CAPÍTULO	15
3.2 A CAPTAÇÃO SONORA	15
3.3 CONSCIENTE OU PSIQUICO: SENSAÇÃO, PERCEPÇÃO OU MEMÓRIA?	25
3.4 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....	33
4. CAPÍTULO II – A SEPARAÇÃO DOS CONCEITOS “ACÚSTICO” E “SONORO”	41
4.1 APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DO CAPÍTULO	41
4.2 ENTRE A SEDUÇÃO E A FANTASIA: A ESCUTA DAS HISTÉRICAS.....	41
4.3 A ESTRATIFICAÇÃO DO ESTÍMULO SONORO.....	48
4.4 A REALIDADE PSÍQUICA NOS SONHOS	55
5. CAPÍTULO III – A DISTINÇÃO DOS CONCEITOS “ACÚSTICO” E “SONORO” NOS TEXTOS DE FREUD	64
5.1 APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DO CAPÍTULO	64
5.2 O TESTE DE REALIDADE DE UM SOM	64
5.3 DA “FALHA NA TRADUÇÃO” À “REPRESSÃO PRIMORDIAL”	72
5.4 A ESCUTA DAS PALAVRAS	79
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PRIMÁRIAS	91
7.1 ARTIGOS.....	91
7.2 LIVROS	91
7.3 DICIONÁRIOS E VOCABULÁRIOS	94

1. SIGLAS E ABREVIATURAS

OC – *Obras de Sigmund Freud*, 20 volumes (não completos). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das letras, 2011. Quando houver referências a esta edição serão indicadas pelas siglas OC e serão seguidas do

AT – *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. Quando houver referências a esta edição serão indicadas pelas siglas AT e serão seguidas do volume em algarismo romano bem como do número arábico da página.

IA - *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, 23 volumes. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Quando houver referências a esta edição serão indicadas pelas siglas IA e serão seguidas do volume em algarismo romano bem como do número arábico da página.

GW – Edição Imago das obras de Sigmund Freud em alemão. Trabalho coletado em ordem cronológica. Londres: Imago, 1952. Quando houver referências a esta edição serão indicadas pelas siglas GW e serão seguidas do volume em algarismo romano bem como do número arábico da página

Salvo indicação diversa, as traduções dos textos de Sigmund Freud são de nossa autoria.

2. INTRODUÇÃO

Freud escreveu os primeiros textos sobre a percepção entre os anos de 1886 e 1896. Em 1886 publicou *Sobre a origem do nervo acústico (Ueber den ursprung des N. acusticus)*: artigo dividido em duas partes com a pretensão de ressaltar que um estímulo sonoro captado pela percepção, e em seguida transportado pelas fibras acústicas, sofreria alterações ao atravessar o córtex cerebral. Esse texto, segundo nossa pesquisa, foi o primórdio do interesse de Freud pela percepção e captação de estímulos sonoros o qual evidenciou-se posteriormente.

Seguindo o interesse de Freud pelo estudo da percepção, especificamente a percepção sonora, esta dissertação tem por tema “Ouvir é associar? A distinção dos conceitos ‘acústico’ e ‘sonoro’ nos textos de Freud” e responde ao seguinte problema de pesquisa: os textos iniciais de Freud não demarcavam claramente uma separação entre os conceitos de acústico e sonoro. Essa separação entre estímulo externo e representação só ocorreu com a noção de realidade psíquica de *Interpretação dos sonhos* (1900/2019), porém isso não os distinguiu. Então, o que fez com que, no texto metapsicológico *A repressão* (1915/2010), esta distinção se constituísse?

O objetivo geral norteador do trabalho é explicitar que não era possível caracterizar a distinção dos conceitos de acústico e sonoro antes da realidade do psiquismo estar desatrelada de uma realidade externa e antes dos textos metapsicológicos (1914-1916/2010) dimensionarem como a noção de repressão influenciava a escuta.

Metodologicamente, pretendemos realizar uma análise epistemológica sobre estes conceitos nos textos Freudianos, influência da abordagem “leitura de Freud”, proposta por Luiz Roberto Monzani no livro *O movimento de um pensamento*.

Trata-se de “um trabalho de análise de ideias” como “uma tentativa de reconstrução do movimento de um pensamento”, como esclarece Monzani (2014, p. 24). Intencionamos, a partir desta abordagem, nos desvencilhar de qualquer pensamento que destaque os conceitos trabalhados nessa

dissertação como passíveis de uma evolução, para tal, acompanhamos como o som pode se representar- psiquicamente - para Freud.

No primeiro capítulo intitulado “O problema dos termos ‘acústico’ e ‘sonoro’ nos primeiros textos de Freud”, pesquisaremos os escritos entre 1891 e 1895 com o objetivo específico de problematizar, através dos textos *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* (1891/2013) e *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996), a extensão dos conceitos acústico e sonoro a partir das noções de representação e de economia.

Desde seus textos iniciais, Freud (1895/1996) afirmava que um estímulo sonoro só poderia ser recepcionado pelos órgãos do sentido se ele pudesse se associar com as representações inscritas anteriormente no aparelho psíquico. Nestes termos, é papel do Eu, enquanto sujeito da percepção, realizar a associação entre estímulo externo e representação. Assim, segundo Freud (1895/1996), o Eu também distinguiria um traço mnemônico de uma alucinação para permitir o investimento econômico apenas se houvesse um objeto de satisfação presente.

A partir disso, demonstraremos, neste primeiro capítulo, que Freud (1895/1996) afirmará que essas representações estão sempre no formato de uma rede associativa que influencia tanto a percepção quanto o uso das palavras. Por fim, ressaltaremos que, ao investigar o psiquismo, enquanto um sistema de cadeias representativas, o autor se aproximou da noção de realidade psíquica a qual, posteriormente, foi apresentada em *Interpretação dos sonhos* (1900/2019).

O segundo capítulo intitulado “A separação dos conceitos ‘acústico’ e ‘sonoro’” permeará os textos escritos entre 1893 e 1900, buscando ressaltar a realidade psíquica e a escuta nos sonhos e na fantasia. O objetivo específico deste capítulo é destacar a separação dos conceitos de “acústico” e “sonoro” a partir da noção de realidade psíquica apresentada por Freud em 1900.

Destacaremos também a importância do sonoro enquanto realidade psíquica no deslizamento entre as representações de uma cadeia – associação de representações. Para tal, a ênfase deste capítulo está nos textos *Estudos*

sobre a histeria (1893-1895/1986), *Carta 52* (1896/1996) e *Interpretação dos sonhos* (1900/2019).

Ao apontarmos que o texto *Interpretação dos sonhos* nos permite separar os conceitos de “acústico” e “sonoro”, estamos colocando ênfase na forma a qual um estímulo sonoro pode impactar o sonhar. Segundo Freud (1900/2019), há um distanciamento entre a excitação dos órgãos do sentido e a representação de um som enquanto realidade psíquica [sonoro]. Em resumo, a partir do conceito de realidade psíquica, Freud passa a usar o termo “sonoro” para designar um som representado psiquicamente e submetido à realidade psíquica.

Destacamos ainda que na época da publicação de *Interpretação dos sonhos*, Freud já havia feito, na *Carta 71*, reformulações acerca do conceito de sedução, desatrelando, ao menos em partes, os conteúdos ouvidos em tenra infância (realidade externa) e fantasia.

Segundo Freud, na *Carta 71*, a fantasia se trata de conteúdos que a histórica poderia ter ouvido em tenra infância e que foram, em um segundo momento, traduzidos com um sentido desprazeroso. Nestes termos, o desejo, enquanto função, pode influenciar o processo perceptivo, a não ser que existam representações submetidas à barreira da repressão.

O último capítulo desta dissertação intitulado “A distinção dos conceitos ‘acústico’ e ‘sonoro’” pretende investigar a forma como Freud estabeleceu a distinção entre estes conceitos a partir dos aspectos metapsicológicos que dimensionaram a noção de repressão. Demonstraremos também que a noção de repressão – enquanto “falha na tradução” - apresentada por Freud na *Carta 52* não é idêntica à noção de repressão apresentada em 1915.

Destacaremos que na tensão entre a percepção acústica e o sonoro, enquanto realidade psíquica, um caráter de desprazer pode ser agregado a esta primeira, influenciando na escuta de um estímulo sonoro. Desde a virada do século, Freud (1900/2019) afirmava que o momento secundário teria como referência o momento primário e, nestes termos, a escuta seria influenciada de acordo com a qualidade adquirida na primeira experiência.

Ressaltaremos também, neste último capítulo, como um sentido pode se traduzir através do uso linguístico (do deslizamento das palavras), escoando o excesso quantitativo que caracterizaria um sintoma. Para tal, os textos trabalhados no último capítulo são: *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996), *Carta 52* (1896/1996) *Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental* (1911/1969), *Pulsão e destinos de pulsão* (1915/2010) e *A repressão* (1915/2010).

3. CAPÍTULO PRIMEIRO: O PROBLEMA DOS TERMOS “ACÚSTICO” E “SONORO” NOS PRIMEIROS TEXTOS DE FREUD

3.1 APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DO CAPÍTULO

Este capítulo percorreu os textos de Freud datados entre 1891 e 1895, com ênfase especificamente em dois textos: *Sobre a concepção das afasias um estudo crítico* (1891/2013) e *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996). Ao realizar um trabalho que demonstra o caminho trilhado entre a captação de um estímulo sonoro e sua conseqüente representação psíquica, apontaremos uma relação entre a noção de representação (destes textos) e realidade psíquica, apresentada posteriormente em *Interpretação dos sonhos* (1900/2019). Deste modo, destacaremos ainda neste capítulo que, desde *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*, as representações estão concebidas enquanto imagens, sendo que não há imagens que não sejam sensíveis a um acesso pela percepção.

3.2 A CAPTAÇÃO SONORA

Este tópico pretende pesquisar a forma como Freud teorizou sobre a captação sonora e sua representação psíquica em dois textos: *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* de 1891 e *Projeto para uma psicologia científica* de 1895.

Em *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*, Freud (1891/2013) relaciona, segundo nossa pesquisa, a percepção a um tipo de aparelho específico de linguagem. Ao discordar do caminho trilhado pela teoria localizacionista de Wernicke, que acreditava poder encontrar nas partes do cérebro uma lesão orgânica que causava a afasia¹, ele desbravou o caminho para este aparelho de linguagem capaz de uma reorganização a partir de estímulos perceptivos [externos].

¹ “A afasia é, num sentido lato, um distúrbio da memória, e num sentido estrito, uma perturbação da linguagem.” (GARCIA-ROZA, 1991, p. 19)

Assim, Freud (1891/2013) distinguiu as afasias causadas por uma desordem fisiológica das afasias causadas por uma desordem funcional. Sua hipótese, nessa monografia das afasias, afirmava uma falha na condução da cadeia associativa de representações. Então, haveria um impedimento que o aparelho de linguagem se reorganizasse a partir dos estímulos externos. No curso normal das coisas, de acordo com Freud (1891/2013), um centro de linguagem teria como função “a capacidade de trabalhar a partir de um estímulo espontâneo”.²

Digno de nota que no texto das afasias, Freud (1891/2013) apresenta o conceito de representação (*Vorstellung*) para designar a inscrição de um estímulo externo. Sobre a relação entre representação e afasias, o autor afirma que estas últimas são ocasionadas por esta falha de condução, citada anteriormente. Dito de outra forma, o autor ressalta o porquê as representações são impedidas, por uma desordem funcional, de entrar na cadeia associativa de pensamentos. Destacamos que Freud descreve esse processo apenas para designar uma questão psíquica [funcional] e não em relação as afasias com origens orgânicas.

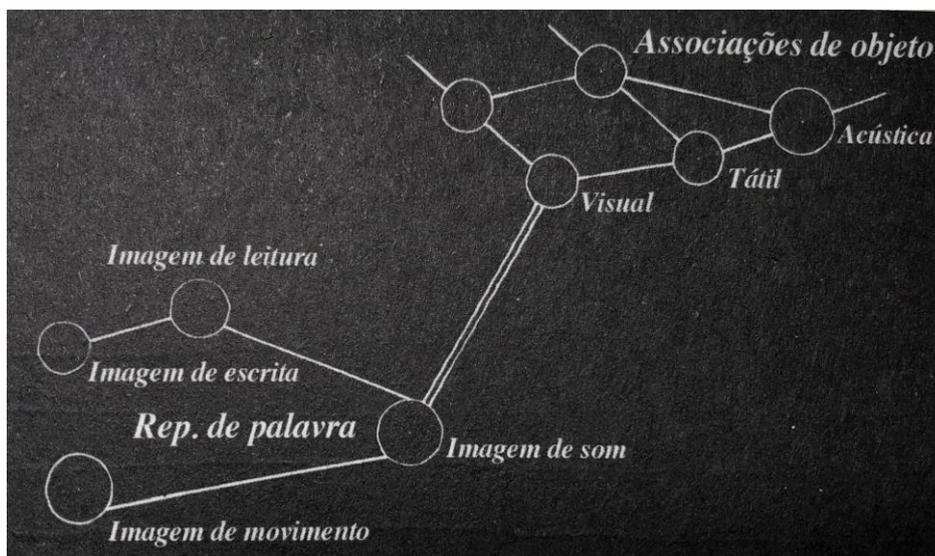
A partir disso, o termo *Vorstellung* é utilizado para designar as representações, em um sentido psíquico, que “estão no lugar de algo”³, no caso, no lugar de um estímulo sonoro – imagem de som [*klangbild*]. Ressaltamos, neste texto de 1891, a representação como derivada da percepção, assim, um estímulo externo seria representado e mantido na ordem da consciência. Destacamos que a distinção entre consciência e o que está impedido de ser consciente seria apontado apenas em 1895. Como destacaremos na sequência deste trabalho.

Nestes termos, Freud (1891/2013) afirma que há dois complexos associativos: representação de palavra e representação de objeto. Entendemos, segundo o autor, que a imagem visual estaria ligada ao complexo de objeto enquanto a imagem de som estaria relacionada ao complexo de palavra. Para Freud, neste texto, a visão [estímulos visuais], promove a associação de representações e, neste sentido, nos perguntamos se ouvir

² AT I, p. 109.

³ Hanns (1996, p. 390).

também é associar. Para tal, partimos da importância sonora no aparelho de linguagem de 1891. Destacamos que o elemento acústico era responsável por estabelecer a relação entre anatomia e linguagem. Então, um centro de linguagem teria como função reordenamento nas representações a partir de um estímulo espontâneo.



Referência Freud (1891/2013, p 102).

O fato de o complexo de associações de objeto não se tratar de um conjunto fechado permite que, segundo a monografia das afasias, um estímulo sonoro possa ser recepcionado e, a partir disso, se ressignificar, formando sempre uma nova ordem nas representações. Como podemos acompanhar na passagem abaixo:

A palavra é, então, uma representação complexa que consiste nas imagens mencionadas, ou, dito de outra forma, à palavra corresponde a um intrincado processo associativo [*assoziationsvorgang*] para o qual concorrem os referidos elementos de origem visual, acústica e cinestésica. Todavia, a palavra conquista seu significado por meio da conexão com a representação de objeto [*objektovorstellung*], ao menos se limitarmos nossa consideração aos substantivos. A representação de objeto é, por sua vez, um complexo associativo composto pelas mais diversas representações visuais, acústicas, táteis, sinestésicas... a representação de palavra está unida em sua extremidade sensível (por intermédio das imagens de som) à representação de objeto.⁴

⁴ AT I, p.102-103.

Segundo o texto das afasias há uma distinção entre o estímulo recebido e sua imagem ou representação. Isto pois, para que uma imagem se formasse, seria necessário que houvesse a repetição de uma vivência sensitiva (como experiências repetidas de recepcionar um estímulo sonoro), ou, dito de outra forma, a repetição das vivências sensitivas deveriam formar uma imagem de lembrança psíquica, para Freud (1891/2013).

Freud (1891/2013) expõe, no estudo das afasias, como associacionismo inglês e principalmente como os pensamentos de John Stuart Mill (filósofo e economista britânico) influenciaram em sua teoria de como os estímulos sensoriais do objeto poderiam ser recepcionados pelo aparelho. Ao apontar que os estímulos recebidos, a partir da sensibilidade, apenas poderiam se associar às representações que já estivessem inscritas no aparelho e que assim novas cadeias associativas poderiam ser formadas, Freud (1891/2013) destacou as tanto as associações que ocorrem a partir da visão, quanto as associações que ocorrem a partir da audição - enquanto processo perceptivo.

Nestes termos, um objeto seria representado com base nas associações psíquicas que os seus estímulos sensoriais poderiam causar no aparelho. Esta ideia foi retomada pelo autor alguns anos mais tarde no *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996), ao reafirmar que se não houver uma inscrição psíquica anterior à qual um estímulo sensorial possa se associar, uma percepção não terá acesso ao psiquismo. Nestes termos, Freud (1895/1996) distingue dois processos: a alucinação e a percepção, o que será trabalhado na sequência neste trabalho.

A partir disso, em ambos os complexos (de palavra e de objeto) podemos encontrar uma falha na condução que resultaria em um tipo de afasia, segundo Freud (1891/2013). Esta falha também pode ser encontrada na comunicação entre os dois complexos [no encontro de representação de palavra e representação de objeto]. Um exemplo desta falha é a afasia histérica em que, especificamente, haveria tido uma falha na condução entre o complexo de palavra e o complexo de objeto, sendo que é a representação de objeto que está impedida de vir à tona.

Então, para Freud (1891/2013), a causa da afasia não é uma lesão localizada. Por isso, a sequência desse pensamento está no *Projeto para uma psicologia científica*, quando o autor defende que a memória do que se recepcionou de um estímulo sonoro não está guardada nos neurônios, mas, em um encontro facilitado entre eles.

Assim, ao lermos o *Projeto* (1895/1996), esta carta enviada por Freud ao seu amigo Fliess, a qual fazia uma descrição da forma como um estímulo (com um aspecto quantitativo) pode ser representado em um aparelho de memória, notamos que a ênfase estava “exclusivamente no impacto do meio sobre o organismo e na reação do organismo ao meio”.⁵

Este aparelho de memória consistia em um sistema de neurônios que estava o tempo todo em movimento, administrando um aspecto quantitativo, por isso, era necessário que Freud (1895/1996) apresentasse um princípio que regulasse a recepção e descarga desta quantidade, este era o “princípio da constância”. Afirmando que toda a quantidade excitatória que entrasse em uma parte do aparelho deveria ser escoada através da motricidade, este princípio era um retrato do modelo arco reflexo.

Neste modelo percebemos que a exigência de condução, presente na monografia das afasias, também está presente na comunicação dos neurônios, pois, segundo o *Projeto*, uma quantidade de excitação deveria ser descarregada⁶ para que, quantitativamente, sempre mantivesse esse aspecto econômico constante ou, pelo menos, no menor nível possível - o mais próximo de nulo (visto que anular o aparelho seria impossível).

Segundo Freud (1895/1974), o princípio da inércia também tinha que lidar com o fato de que estes estímulos podem se originar de duas fontes: os oriundos do mundo externo (Q) e os oriundos das entranhas do próprio aparelho (Qn). Dos primeiros, Freud destaca que o organismo consegue escoá-los, porém, não haveria como se esquivar da segunda fonte de estímulos, pois ela exigia uma resposta adequada de alguém do meio externo

⁵ IA I, p. 350.

⁶ Segundo Hanns (1996, p. 134), a origem do termo “descarregar” é a palavra em alemão “*Abfur*”, que é “utilizada com frequência na psiquiatria e na neurologia do século XIX, referindo-se à descarga de estímulos nervosos no âmbito fisiológico”.

[por meio da ação específica]. De outra forma não seria possível diminuir o grau de excitação.

Na medida em que a complexidade interna do organismo aumenta, o sistema neuronal recebe estímulos dos próprios elementos somáticos – estímulos endógenos – que também precisam ser descarregados. Eles se originam nas células do organismo e dão origem a grandes necessidades fisiológicas: fome, respiração e sexualidade. (FREUD, 1895/1974, p.15)

Ao receber esta quantidade excitatória, o sistema de neurônios do aparelho seria capaz de memorizar certa experiência como prazerosa ou desprazerosa.⁷ Então, segundo Freud (1895/1996), novas percepções seriam memorizadas a partir do que já estava representado mnemonicamente e uma percepção seria revivida com o retorno à primeira marca mnemônica.

Destacamos, neste ponto, que o termo para percepção em alemão utilizado por Freud é *Wahrnehmung*, revelando “ao mesmo tempo uma significação específica e a expectativa de realização de que seria capazes os atos perceptivos”.⁸

Segundo o *Projeto*, caso a recepção desses estímulos caracterizasse um carregamento excessivo do aspecto quantitativo, o sistema de neurônios sentiria a dor durante essa experiência. Nestes termos, Freud (1895/1996) afirma que “toda excitação sensorial, mesmo a dos órgãos superiores dos sentidos, tende a se transformar em dor à medida que o estímulo aumenta”⁹.

Então, seria necessário que Freud (1895/1996) apresentasse uma ferramenta que pudesse reduzir essa quantidade interna. Este era o “mecanismo de inibição”, sendo que o organismo sentiria prazer no ato da descarga do excesso e desprazer no ato do acúmulo deste. Como destacamos anteriormente, todo excesso de estímulos deveria encontrar uma forma de ser

⁷ Segundo Hanns (1996, p. 155), o emprego da terminologia de prazer e desprazer nestes textos iniciais “tem caráter bastante técnico”, pois, “refere-se mais a um mecanismo quantitativo neuronal-energético de eliminação do desconforto e da dor através da descarga do que a algo ligado ao que se entende coloquialmente por prazer”.

⁸ JUNIOR (1999, p. 28).

⁹ IA I, p. 367

descarregado, sendo que a percepção dolorosa não seria uma exceção a essa regra. Essa descarga faria escapar um grito.¹⁰

Assim se formam as marcas mnemônicas das experiências perceptivas vivenciadas que regulariam a comunicação entre os neurônios, tornando o encontro de cada par de neurônio facilitado ou resistente a partir de um mecanismo: “o grau de facilitação das barreiras de contato”, segundo Freud (1895/1996). Segundo esse mecanismo, um tipo específico de sistema neuronal (composto por neurônios impermeáveis), após a passagem de uma excitação, estaria sujeito a dois caminhos diversos: processo primário e processo secundário.

No processo primário, poderia ficar permanentemente modificado em relação ao seu estado anterior - oferecendo resistência – ou, poderia ser facilitado, caso o caminho ficasse memorizado como via de descarga para obtenção de prazer. Este último era denominado por desejo¹¹, como descreveremos na sequência da escrita dessa dissertação. O processo primário seria a forma como a aparelho encontra um caminho facilitado entre os neurônios para descarregar o aspecto quantitativo.

No caso de um encontro facilitado, o sistema neuronal estaria composto por neurônios permeáveis. Para Freud (1895/1996), estes neurônios são os responsáveis pela captação da percepção dos estímulos externos, não retendo nenhuma informação do todo dos estímulos. É a partir desta distinção que se formaria a diferença entre as duas instâncias que fariam parte do aparelho de memória, são elas: consciência e memória.

Para Freud (1895/1996), a consciência estaria formada pelos neurônios permeáveis. Aqui encontramos uma relação, apontada alguns instantes antes

¹⁰ Nestes termos, concordamos com Lecourt (1997, p. 25) sobre a comentadora ressaltar que esse grito seria capaz de intensificar a memorização da experiência dolorosa e elevá-la “à categoria de marco”.

¹¹ Como comenta Gabbi Junior (1991, p. 177), “no *Projeto*, a memória não deforma o desejo; ela pode somente, em certas circunstâncias, alucinar o objeto de desejo, mas não deformá-lo. Só se recorda aquilo que existiu”. No decorrer da obra, Freud vai acrescentando uma função produtiva à memória, o que afeta tanto a forma como os estímulos sonoros são reorganizados dentro do aparelho quanto, inclusive, a forma como são recepcionados e, a partir disso, há mudança na concepção da fantasia, a qual será apontada no decorrer deste trabalho. Porém, não deixaremos de afirmar que a cisão entre experiência externa e fantasia sempre carrega em si um grão de realidade, como comenta Monzani (2014).

nesta escrita, segue: desde o estudo das afasias, Freud (1891/2013) destacava que os estímulos sonoros poderiam adentrar na sensação do aparelho psíquico apenas se pudessem se associar com representações que já estivessem inscritas, de modo que, os objetos do mundo ou entram em cadeia no aparelho psíquico ou não terão acesso a ele. Destacamos que, desde o texto *Sobre a concepção das afasias um estudo crítico*, quando se trata do registro psíquico já há associação a partir da percepção.

Retomando, a consciência, segundo Freud (1895/1996), se trata daquilo que nos dá qualidades ou sensações diferentes conforme a relação com o mundo externo. Essas qualidades só se manifestarão caso as quantidades estiverem reduzidas, porém, isso não significa que a consciência não receba períodos de excitação. Assim, os órgãos dos sentidos são como peneiras, só deixam passar estímulos de um período em particular.

Para Freud (1895/1996), isso destaca que a consciência, enquanto atrelada à percepção, poderia apenas deter a ilusão de possuir um conhecimento acerca da realidade externa, fato este que apontava sobre como cada indivíduo tem uma leitura particular dos estímulos do mundo externo, e de como, através da percepção, as associações se formam de uma forma única em cada indivíduo. A partir disso, notamos que, no *Projeto*, o conceito de representação orienta para distinção das instâncias de consciência e memória.

Então, a consciência receberia os estímulos sonoros do mundo exterior e os deixaria passar livremente com toda a informação, sendo que, nestes termos, ela é composta exclusivamente de neurônios perceptivos. Por sua vez, a memória (como as representações do aparelho de linguagem) é uma rede de neurônios capaz de fazer um registro sobre a vivência perceptiva. Assim, no *Projeto*, diferentemente da monografia das afasias, as representações se tornam um fato do sistema mnemônico.

Já no processo secundário, Freud (1895/1996) apresenta que há uma parte do aparelho denominado de Eu [formada a partir do sistema mnemônico] e que se caracteriza por ser o sujeito da percepção, capaz de resistir à descarga excitatória com a intenção de defender o aparelho. O Eu seria, então, um sistema de neurônios ligado às experiências mnemônicas prazerosas ou

desprazerosas. Assim, no encontro de neurônios impermeáveis, haveria esta barreira que resistiria à passagem de excitação. A partir disso, há um primeiro apontamento sobre um conteúdo que, por algum motivo, resiste e não tem acesso à consciência.

Assim, notamos que no texto do *Projeto*, para ressaltar a importância da relação entre percepção e realidade, Freud (1895/1996) afirma que o Eu deve evitar o investimento nas imagens-movimento, pois, enquanto não estiverem preenchidas as condições de associação de um fenômeno perceptivo o conteúdo ainda é tido como uma alucinação.

Portanto, para Freud (1895/1996), o Eu do aparelho psíquico, antes de investir na descarga em certa imagem-movimento, deve estar ciente de que é um estímulo vindo do mundo externo e não proveniente dos estímulos endógenos. Nestes termos, o processo de desejo se caracteriza por um investimento, por parte do Eu, na imagem-desejo. Porém, Freud não deixa de destacar no *Projeto*, o fato de o Eu, enquanto parte do aparelho psíquico, estar investida por um acúmulo de estímulos endógenos, pois, se fosse de outra forma, ele não poderia investir nos objetos do mundo externo que apontam para o desejo.

Nestes termos, para Freud (1895/1996), tanto o processo primário, que rege o desejo, quanto o processo secundário, que rege as resistências, não estariam localizados nos neurônios, mas sim nas vias neuronais que se encontram facilitadas ou não. O sistema de barreiras de contato permitiria “à máquina fazer uma ‘escolha’ adequada com base na lembrança de acontecimentos anteriores entre as linhas alternativas de reação ao estímulo externo”.¹²

Assim, para que a consciência pudesse ter acesso aos conteúdos perceptivos, deveria ter uma mediação por parte dos traços mnemônicos.¹³ Então, um resto do que é recebido como um estímulo nos ouvidos seria consequentemente um traço mnemônico que poderia estar sob a resistência

¹² IA I p, 351.

¹³ Por isso, concordamos com Menéndez (2010, p. 123) sobre o texto *Projeto* ressaltar que a consequência disso era que “o tornar-se consciente da percepção estaria determinado, em certa medida,” por estes mesmos traços de memória.

das barreiras de contato e, para além das percepções, se associarem no sistema de memória, segundo Freud (1895/1996).

Segundo Freud (1895/1996), a partir da formação dos traços mnemônicos, o Eu seria responsável por estar ligado à consciência e desenvolver ferramentas para distinguir interior e exterior. Ele diferenciaria também uma realidade concreta de uma alucinação no ato de mamar. Isso evitaria que uma criança, alucinando que estava sendo alimentada, investisse erroneamente o aspecto quantitativo nesta falsa realidade.

Então, no caso da amamentação, Freud (1895/1996) afirmava que a função do Eu era distinguir um traço mnemônico de uma alucinação para apenas permitir investimento em uma situação a qual o seio materno estivesse presente, não investindo na alucinação desse objeto.

Em resumo, temos, segundo estes textos de Freud (*Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* e *Projeto para uma psicologia científica*) que a noção de representação orientava quais estímulos externos poderiam ser recepcionados pelo aparelho psíquico, sendo apontada a primeira condição que não permitiria ao estímulo externo o acesso psíquico: causar desprazer.

3.3 CONSCIENTE OU PSIQUICO: SENSAÇÃO, PERCEPÇÃO OU MEMÓRIA?

Este tópico apresentará, a partir da separação entre as instâncias do consciente e do psíquico, a distinção entre os processos de sensação, percepção e memória a partir do texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996).

Desde o *Projeto*, Freud adverte que “uma teoria psicológica digna de consideração precisa fornecer uma explicação para a memória”.¹⁴ Neste ponto, dispomos de dois textos para entender a noção de memória para Freud, são eles: *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996) e *Carta 52*. Deste modo, ressaltamos que, tanto no texto do *Projeto* quanto no texto *Carta 52*, o autor afirma que o consciente não pode ser confundido com o processo da memória, pois as instâncias de “consciência e memória são mutuamente exclusivas”¹⁵.

Para exemplificar essa distinção (entre consciência e memória), há o fato de um conteúdo do processo consciente (como o processo da atenção) não carregar em si nenhum aspecto que cause impedimentos para surgir na consciência. Dito de outra forma, não pode produzir desprazer. Já o registro da memória está suscetível a tais impedimentos, visto que a tendência do psiquismo é sempre evitar qualquer acúmulo de estímulos.

Num arcabouço cerebral, Freud tenta formular, no *Projeto*, uma hipótese sobre a memória como um sistema composto por neurônios impermeáveis (os neurônios *psi*) que, depois de cada passagem de excitação, ficariam num estado diferente do anterior. Assim, na comunicação dos neurônios da memória, haveria diversas formas possíveis de caracterizar cada encontro entre esses neurônios e isso forneceria uma possibilidade de representar os conteúdos mnemônicos [a partir das facilitações entre esses neurônios *psi*].

¹⁴ IA I, p. 359.

¹⁵ IA I, p. 288.

Importante ressaltar no texto do *Projeto* – ou até em textos anteriores como *Estudos sobre a histeria* (1893-1895/1986) - esse aspecto quantitativo do psiquismo, pois ele aponta para a investigação de um dos aspectos metapsicológicos - a economia.¹⁶ Não estamos afirmando que Freud já trabalhasse, neste texto de 1895 ou no texto dos *Estudos*, com as ferramentas metapsicológicas, porém, não podemos desconsiderar a insistência deste aspecto ao longo de sua obra.

Também não podemos desconsiderar como este aspecto econômico influenciou a escuta [enquanto processo perceptivo para Freud], pois, caso este aspecto fosse excessivo, o estímulo sonoro não adentraria no aparelho. Neste sentido, os ouvidos, enquanto “órgãos do sentido são, portanto, estruturas celulares responsáveis pela recepção do estímulo exógeno, mas que como telas protetoras deixam passar apenas pequenas quantidades.”¹⁷

Sobre a metapsicologia, Freud (1896/1996) aponta três aspectos de sua teoria os quais guiarão e, em muitos momentos, sustentarão as formas de leitura de um conceito na sua obra, são eles: o aspecto topográfico acentuando que um aparelho deve ter instâncias, o dinâmico (subjacentes no *Projeto*) demonstrando a comunicação particular entre essas instâncias e o econômico declarando que um aparelho deve administrar um aspecto quantitativo.

Retornando à noção de economia do *Projeto*, uma representação só entraria na rede de associações se ela estivesse investida com esse aspecto econômico e é também neste sentido que o autor concebe a representação de um estímulo sonoro. Sabemos que, desde a monografia das afasias (1891/2013), para que houvesse uma imagem mnêmica de som, deveriam

¹⁶ Esta noção econômica apresentada por Freud no *Projeto para uma psicologia científica* se mantém anos depois no texto *Mais além do princípio do prazer* de 1920. Neste texto, Freud (1920/2011) metáforiza sobre um organismo vivo para teorizar sobre como a repressão pode bloquear o excesso de estímulos, protegendo um corpo em uma situação perigosa [excesso excitatório]. Destacamos que a repressão trabalhada neste texto de 1920 não é idêntica à noção de repressão do *Projeto*. Segundo o autor, em *Mais além do princípio do prazer*, uma parte do corpo deste organismo vivo, por estar em contato direto com o mundo externo, se tornaria uma espécie de escudo protegendo o corpo do excesso de estimulação do mundo externo. Abaixo deste escudo, haveria um córtex sensitivo, segundo Freud (1920/2011), uma camada com função igual a de um órgão do sentido. Posteriormente, nesse mesmo texto, o psicanalista compara este córtex sensitivo ao sistema de percepção-consciência.

¹⁷ GARCIA-ROZA (1991, p. 119).

ocorrer experiências repetidas para que o psiquismo investisse, economicamente, a fim de formar uma representação única.

Se temos a memória junto à consciência como uma das instâncias psíquicas deste modelo de psiquismo, resta esclarecer qual a distinção entre sensação e percepção e o papel de cada uma delas neste aparelho. Com relação a esta primeira – a sensação - o aparelho psíquico do texto *Projeto* está orientado a partir de um “princípio de constância”, funcionando a partir das sensações de prazer e desprazer, como já destacado. Este princípio deve administrar o aspecto econômico.

Digna de nota é a distinção entre “princípio de inércia” e “princípio de constância”. Para Freud (1895/1996), o “princípio de inércia” foi a primeira teoria principal sobre o funcionamento econômico neuronal. Segundo o “princípio de inércia neuronal”, os neurônios tendem a se livrar do aspecto econômico com o fim de neutralizar esse excesso, ou, dito de outra forma, um estímulo sensorial seria descarregado por via da motricidade para diminuir a tensão.

Em resumo, o “princípio de inércia” “aplica-se a uma ficção teórica e assinala o estado de um sistema inerte submetido a algo que lhe é completamente externo”.¹⁸ O “princípio de constância”, por sua vez, foi o segundo teorema principal sobre o funcionamento econômico neuronal o qual requer acumulação dos estímulos endógenos como consequência da resistência à descarga. Ou seja, o “princípio de constância” “visa estabelecer uma relação adequada entre o interno e o externo”.¹⁹ Assim, não podemos confundir os processos de sensação e percepção e, muito menos, afirmá-los como idênticos.

Freud (1895/1996) nos dá um primeiro apontamento sobre essa distinção: o fato da sensação estar no caminho entre os processos de percepção e memória. A partir disso, à medida que o aparelho psíquico recebe - através da percepção - uma atividade sensória, ele necessitará das informações inscritas nas modificações permanentes das barreiras de

¹⁸ GABBI-JUNIOR (2003, p. 36).

¹⁹ GABBI-JUNIOR (2003, p. 36).

contato para caracterizar as sensações que podem variar entre prazerosas ou desprazerosas. O fato é que o aparelho psíquico, no *Projeto*, está sempre buscando reencontrar o prazer através da descarga.

O autor articula as barreiras de contato facilitadas a um estado denominado “estado de desejo”. Em resumo, segundo Freud (1895/1996), o “estado de desejo” é a tendência a um objeto que, de acordo com as experiências mnemônicas de percepções anteriores, produziu prazer, ou dito de outra forma, o desejo é uma tentativa de retorno às experiências de descarga. Nestes termos, há também uma atração entre desejo e imagem mnemônica do objeto desejado e, neste processo, o Eu é o mediador.

Nas palavras de Freud sobre as barreiras de contato: “depois de cessar a excitação, os neurônios ficam permanentemente modificados em relação a seu estado anterior”.²⁰ Assim, temos uma capacidade receptiva graças a essas sensações. A partir disso, forma-se uma “zona de indiferença” entre as sensações, segundo Freud (1895/1996), função esta que é exercida pelos neurônios impermeáveis, responsáveis pela memória, “fornecendo assim uma possibilidade de representar a memória”.²¹

No caso da “zona de indiferença”, se houver uma falta de catexia dessas sensações, a capacidade receptiva se extingue. “A zona de indiferença é fixada pela magnitude estabelecida pelo princípio da constância.”²²

O autor ainda comenta que as sensações podem ser diferentes conforme a sua relação com o mundo externo e são, por si, passíveis de consciência, pois estão disponíveis à consciência conforme podem catexizar os neurônios da percepção (neurônios ômega). Ou seja, segundo o *Projeto*, as qualidades, na verdade, não estão originadas no mundo externo, mas sim nesses neurônios ômega que são excitados junto à percepção e cujos estados de excitação possuem qualidades. Segundo Freud (1895/1996), esta é a particularidade da recepção de estímulos por via dos órgãos do sentido.

²⁰ IA I, p. 359.

²¹ IA I, p. 360.

²² GABBI-JUNIOR (2003, p. 50).

Então Freud distingue, em 1895, qualidades de quantidades e, a partir disso, enquanto a consciência e a percepção fornecem qualidades ao psiquismo, o sistema mnemônico fornece quantidades. Podemos notar que “Freud considera a quantidade como um *quantum* finito e determinado de energia que circula pelo aparelho psíquico”.²³

Nestes termos, sensações e percepções são conscientes e estão sujeitas à forma como o Eu, enquanto sujeito da percepção, vai associá-las às representações já inscritas no psiquismo. Segundo Freud, “a qualidade é outra coisa. Não é redutível à quantidade e diz respeito aos aspectos sensíveis da percepção”.²⁴ “O Eu precisa dominar as excitações e tenta, imediatamente, converte-las em representações aceitáveis”.²⁵

Nas palavras de Freud, “ômega é o sistema de neurônios que é excitado junto com a percepção, mas não com a reprodução, e cujos estados de excitação produzem as diversas qualidades – ou seja, são sensações conscientes”²⁶. O autor também destaca que “as qualidades não são duradouras, não deixam rastro e não podem ser reproduzidas”.²⁷

A partir disso, além de mediar as sensações e percepções, o Eu também interfere nos conteúdos que podem chegar até o sistema de memória por meio da repressão. No caso das sensações, o “Eu”, para Freud (1895/1996), é um sistema de neurônios que está ligado às experiências mnemônicas prazerosas ou desprazerosa.

Assim, retomando, as qualidades só se manifestarão se as quantidades estiverem reduzidas, para Freud (1895/1996), o que não significa que a consciência não receba períodos de excitação e assim, o Eu, no caso do processo perceptivo, só permita que estímulos de um período em particular chegue aos órgãos do sentido.²⁸ Freud lança a questão no *Projeto*: o que o

²³ GARCIA-ROZA (1991, p.103).

²⁴ GARCIA-ROZA (1991, p. 103).

²⁵ FONSECA (2016, p. 119).

²⁶ IA I, p. 369.

²⁷ IA I, p. 371.

²⁸ Aos comentários de Laplanche (1985, p. 64), Freud destaca, neste texto, que “a realidade externa não é outra coisa senão o conjunto das excitações veiculadas pelos aparelhos perceptivos”.

sistema de percepção fornece ao sistema mnemônico? Fornece “signos de realidade”.²⁹

Porém, não podemos desconsiderar, neste momento da obra, que a realidade psíquica não foi distanciada de um realidade externa. Nestes termos, ainda não podemos afirmar uma distinção entre os conceitos de acústico e sonoro.

“No mundo externo não há qualidades, apenas massas em movimento que se embatem continuamente. As qualidades não estão nas coisas (...) são propriedades que atribuímos as coisas”.³⁰ Então, temos que, no *Projeto*, a percepção tem a mesma função que a consciência, ambas compostas pelos neurônios permeáveis que não oferecem resistência e não retém nenhuma informação do todo, o que faz com que o sistema de percepção-consciência não seja capaz de memorizar nenhuma característica dos estímulos sonoros, ou seja, os processos psíquicos são independentes deste sistema.

O Eu, também fornece uma base para a distinção entre percepção e representação, ou, dito de outra forma, o autor afirma que os neurônios da memória são “incapazes de estabelecer essa distinção, já que só podem funcionar com base na sequência de estados análogos entre neurônios”.³¹ Nesse processo, os neurônios perceptivos devem fornecer uma “indicação da qualidade ou da realidade”³² para os neurônios mnemônicos.

Sobre a proximidade entre alucinação e percepção, segundo Freud (1895/1996), ambos podem ser considerados processos praticamente idênticos havendo uma questão que os distingue: a excitação no processo de percepção aponta para o desejo, já, no caso da alucinação, a excitação apontaria para o desapontamento.

Nas palavras do autor:

²⁹ Utilizamos o termo “signo de realidade” pois o termo original (alemão) é *realitätszeichen*. Na edição da *Imago* (1996) encontramos “indicações de realidade”.

³⁰ GABBI-JUNIOR (2003, p. 42).

³¹ IA I, p. 387.

³² IA I, p. 387.

Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma alucinação. Quando uma ação reflexa é introduzida em seguida a esta, a consequência inevitável é o desapontamento.³³

Em resumo, para Freud (1895/1996), o Eu é a parte do aparelho que distingue realidade e alucinação, e, se não houver inibição por parte dele, o aparelho não faz uma utilização correta dos “signos de realidade” como podemos acompanhar na seguinte passagem:

Ele, o Eu, primeiro aprende que não deve catexizar as imagens motoras, de modo que resulte a descarga enquanto não se cumprirem determinadas condições advindas da percepção. Aprende, ademais, que não deve, catexizar a representação desejante acima de certa medida, caso contrário estaria enganando a si mesmo de maneira alucinatória.³⁴

Com a distinção entre realidade e alucinação, o Eu adquire capacidade de juízo. Assim, a capacidade de juízo se forma em dois momentos: juízo primário e secundário. Sobre o processo de juízo primário, segundo Freud (1895/1996), o Eu não pode exercer influência alguma no processo perceptivo. “No que se refere ao juízo, cumpre ainda observar que sua base é, evidentemente, a presença de experiências corporais, sensações e imagens motoras de si próprio”.³⁵ É neste momento que podemos falar em percepções com valor imitativo, ou seja, o Eu ainda não pode ligar os sons emitidos às representações inscritas psiquicamente, porém, pode imitá-los.

No processo secundário, segundo Freud (1895/1996), o Eu é atingido por uma quantidade menor de estímulos, havendo sempre traços aos quais um grupo de representações se une, formando cadeias associativas.³⁶ “Portanto, a fim de que a realidade não seja falseada, faz-se necessária a existência de

³³ IA I, p. 381.

³⁴ IA I, p. 435.

³⁵ IA I, p. 395.

³⁶ Nas palavras de Caropreso e Simanke (2013, p.16) “em ‘Sobre a concepção das afasias’, a representação era pensada como sendo o correlato de um processo cortical associativo; agora no ‘Projeto’, a representação passa a ser o próprio processo cortical”.

traços especiais, signos dos processos de pensamento, que continuam uma memória de pensamento...”³⁷

Temos então, em resumo, que o processo de associação, desde o texto da monografia das afasias, é constituído pela união entre a percepção (ou sistema percepção-consciência) e sistema mnemônico. Freud (1895/1996) afirma que quando uma imagem mnêmica é catexizada, ela se torna um “estado de desejo” e, caso uma percepção do mundo externo não coincida com essa imagem mnêmica, o psiquismo investirá nessa nova imagem para que ela seja representada.

Por fim, destacamos, deste tópico, o fato de ser a partir das representações anteriormente inscritas no aparelho que as quantidades podem adquirir qualidades. Um exemplo desta questão, segundo Freud (1895/1996), é o grito, pois, a sensação de desprazer, como excessiva, necessita de um reconhecimento, por parte do Eu, e, após isso, pode-se buscar as experiências de descarga deste aspecto excessivo. Essa questão será trabalhada no próximo tópico dessa dissertação.

³⁷ IA I, p. 397.

3.4 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Iniciamos este tópico diferenciando a forma como o aparelho de linguagem de 1891 e o aparelho de memória de 1895 poderiam ter acesso às representações anteriormente inscritas no psiquismo. Se em 1891, no aparelho de linguagem da monografia das afasias, as representações estavam disponíveis para consciência no aparelho de memória do *Projeto*, segundo Freud (1895/1996), a consciência não teria acesso às representações, pois, o conteúdo inscrito psiquicamente estava na instância mnemônica.

Retomamos que, de início, a partir do “princípio de inércia”, Freud (1895/1996) construiu uma noção de psiquismo com base no mecanismo arco reflexo ao afirmar que um estímulo exógeno que tivesse caráter excessivo deveria encontrar uma forma de ser descarregado pela via motriz (por exemplo, através de movimentos).

Como destacado anteriormente neste trabalho, o autor percebe a incapacidade do psiquismo em descarregar completamente o aspecto econômico visto a tendência do aparelho em sempre acumulá-lo. Assim, para explicar como um aparelho poderia lidar com um descompasso, Freud apresentou o “princípio de constância”.

Neste ponto, Freud (1895/1996) articula o grito à primeira forma de expressão que uma criança pequena encontraria como via motriz para a descarga desta quantidade excessiva. O autor afirma que algumas percepções são capazes de fazer um bebê gritar, tornando-o atento para uma ação específica realizada por um terceiro [no mundo externo] com a intenção de pôr fim ao desprazer sentido por ele.

A partir de experiências cotidianas, a criança pequena passaria a relacionar esse grito a uma função que excede um simples ato de descarga, passando a ser uma forma de demonstrar para o mundo externo os seus intuitos (por exemplo, ser alimentada ao sentir fome).

Nestes termos, no momento em que a criança pequena utiliza o seu grito para atrair a ação específica do mundo externo, segundo a monografia

das afasias, já há um primeiro apontamento de inscrição psíquica nos neurônios da memória (*psi*), pois eles associaram a representação de objeto à representação de palavra e, conseqüentemente, já há um apontamento de inscrição da imagem de som.

Nas palavras de Freud:

O problema, porém, é receber descargas desse gênero de todas as catexias. Nem todas são motoras, de modo que deverão, para esse fim, ser colocadas numa facilitação segura com os neurônios motores. Essa finalidade é preenchida pelas associações da fala que consistem na vinculação dos neurônios mnemônicos com neurônios utilizados nas representações sonoras, que por sua vez, se encontram intimamente associadas com imagens verbais motoras. Essas associações têm sobre as demais a vantagem de possuir outras duas características: são limitadas (escassas em número) e exclusivas. Em todo caso, a excitação passa da imagem-sonora para a imagem-verbal e desta para a descarga. Por conseguinte, quando as imagens mnêmicas são de tal natureza que uma corrente parcial pode partir delas para imagens-sonoras e para imagens-verbais, a catexia das imagens mnêmicas é acompanhada por informações de descarga, o que constitui uma indicação de qualidade e também, conseqüentemente, indicação de que a lembrança é consciente.³⁸

Assim, desde a monografia das afasias, segundo Freud (1891/2013), não haveria nenhuma representação sem ligação com as imagens acústicas as quais seriam as primeiras a se formarem enquanto representação, sendo seguidas pela formação das imagens motoras da fala. É a partir disso que um psiquismo consegue distinguir realidade externa e psíquica, porém, isso não foi apontado pelo autor nesse texto. Segundo Freud (1895/1996), o que diferencia os estímulos sonoros externos do processo do pensamento (enquanto estímulos endógenos) são estas indicações de descarga verbal.

Então, o autor afirma que a função de comunicação é um momento posterior ao processo que destaca a “inervação da fala” como uma simples via de descarga para obtenção de prazer. Ultrapassando isso, “pouco falta agora para [a criança] inventar a fala”.³⁹

³⁸ IA I, p. 430.

³⁹ IA I, p. 432. Sobre esta passagem do *Projeção*, Gabbi Junior (1991, p. 22) comenta: “só podemos nos tornar conscientes de uma representação de duas maneiras: ou pela imagem ou pelo som. Ou seja, ou pelo elemento visual ou pelo sonoro”. “O grito é aproveitado para uma

Estando nessa função secundária, a “inervação da fala” “passa a servir ao propósito da comunicação, ficando assim incluída na ação específica.”⁴⁰ A partir disso, segundo Freud (1895/1996), novas percepções seriam memorizadas e uma experiência perceptiva já vivenciada seria revivida com o retorno à primeira marca mnemônica.

Nestes termos, segundo Freud (1895/1996), o grito é uma “inervação da fala” no sentido de que, de início, ele ocorre a partir de uma necessidade fisiológica e, conforme o sistema de neurônios facilita-se, ocorre a memorização das experiências. Posteriormente, formam-se, nas barreiras de contato, caminhos facilitados para que ele encontre um objeto externo específico para sua satisfação podendo, posteriormente, representá-lo. Após a inscrição, podemos falar em “objeto de desejo”.

Em resumo, as representações ligadas as associações de linguagem (formadoras do ligação representação-palavra) poderiam se tornar conscientes pela associação de pensamento. Assim, para Freud (1895/1996), se há pensamentos há palavras, pois “não há pensamento anterior as palavras. A linguagem está presente desde o começo”.⁴¹ Isto pois, a inervação linguística serve à comunicação, no caso, por exemplo, do indivíduo que busca ação específica no mundo externo para pôr fim a um desprazer.

Assim, tanto experiências de dor quanto as experiências de desejo deixam as quantidades alteradas como resíduos, segundo Freud (1895/1996), e, enquanto o estado de desejo cria uma memória que atrai o indivíduo à imagem mnêmica do objeto, “a experiência da dor leva a repulsa”⁴², estando essas representações excessivas propensas à repressão.

Então, segundo o *Projeto*, há duas formas de uma imagem ou representação vir à consciência. Freud (1895/1996) então destaca, neste

função secundária, a de atrair a atenção do sujeito da ação específica. É por isso que o grito se transforma em uma ação. Ao gritar a criança revela aos olhos do outro, uma intenção. O grito é decodificado como sendo portador de uma intenção. É essa atribuição que faz com que ele passe a apresentar essa característica. Uma vez realizada a ação específica o grito passa a fazer parte do seu circuito.” (GABBI JUNIOR, 1991, p. 22)

⁴⁰ IA I, p. 431.

⁴¹ GARCIA-ROZA (1991, p. 49).

⁴² IA I, p. 383.

ponto, tanto o campo visual quanto o campo sonoro.⁴³ Nosso enfoque será neste último. Neste ponto também podemos, segundo Freud (1895/1996), destacar a função da imitação como influenciadora da reprodução dos sons. O autor afirma que há nas percepções um valor imitativo como podemos acompanhar na seguinte passagem:

A percepção corresponderia a um objeto-núcleo + imagem motora. Enquanto alguém está percebendo a percepção, ele copia o próprio movimento – isto é, inerva-se tão intensamente a própria imagem motora despertada para coincidir [com a percepção] que o movimento vem a ser efetuado. Daí se pode falar em percepções que tem valor imitativo. Ou então a percepção desperta a imagem mnêmica de uma sensação de dor do próprio sujeito, de modo que [ele] sente o desprazer correspondente e se repete o movimento defensivo adequado. Eis aí o valor de simpatia de uma percepção.⁴⁴

Assim, segundo Freud (1895/1996), o valor imitativo de uma imagem de som que inerva a fala da criança traz para a consciência essas representações. A partir disso, há um destaque especial dado à importância sonora da linguagem enquanto fonética. Porém, o imitar é anterior a este momento de uma linguagem potencializada pela variedade da rede associativa. Sobre o processo de imitação, o autor destaca:

Existem outros objetos que emitem constantemente certos sons – isto é, em cujo complexo perceptivo o som desempenha um papel, em virtude da tendência à imitação, que surge durante o processo judicativo, é possível encontrar informações de movimento que correspondam a essa imagem sonora. Também essa espécie de lembranças pode agora tornar-se consciente. Só falta associar os sons intencionais com as percepções; feito isso, as lembranças de quando se observam indicações de descarga sonora tornam-se conscientes como as percepções e podem ser catexizadas a partir dos neurônios da memória.⁴⁵

Digno de nota que encontramos essa importância [sonora da linguagem] também presente no texto das afasias o qual Freud (1891/2013) afirma que a imagem de som se trata do que foi possível para o aparelho

⁴³ Esse aspecto já foi apontado anteriormente aos comentários de Gabbi Junior (1991).

⁴⁴ IA I, p. 396.

⁴⁵ IA I, p. 432.

representar em sua internalização e, a partir disso, só pode ser repetido aquilo que foi ouvido anteriormente.⁴⁶ Porém, neste momento da obra o autor relacionava a representação apenas a um conteúdo insuportável para a consciência e não a uma realidade psíquica.

Retomando que não haveria representações que não estivessem associadas às imagens acústicas, podemos afirmar que, para o autor, “todas as atividades de linguagem dependeriam do seu componente sonoro”.⁴⁷ Em resumo, “Freud supõe uma relação íntima entre imagem acústica e a imagem motora da fala”.⁴⁸

Relembrando que no aparelho de linguagem, descrito por Freud (1891/2013) no texto das afasias, só haveria ligação entre a representação-palavra e a representação-objeto se a imagem acústica estivesse os mediando. Neste sentido, como o complexo de objeto se caracterizava por ser aberto, o sentido das palavras poderia ser deslocado conforme uma nova composição da rede associações a partir de estímulos externos recepcionados no aparelho.

No enlace entre o mundo externo e o representado, o conhecimento estaria mediado por essas imagens [de som] e pelas cadeias associativas que elas poderiam formar. Assim, a compreensão da palavra não se trata, apenas, de receber estímulo acústico do mundo externo e, simplesmente, transmiti-lo à associação do objeto, pois, deve-se criar as imagens de som [*klangbild*], segundo Freud (1891/2013).

Sobre o processo do falar, o autor aponta que “as indicações de descarga verbal” tendem a equiparar “os processos de pensamento com os processos perceptivos, conferindo-lhe realidade e possibilitando a sua lembrança”.⁴⁹ Então, para que haja associações de fala, deve haver uma “vinculação de neurônios da memória com neurônios utilizados nas

⁴⁶Neste sentido, Gabbi Junior (2007, p. 111) comenta que “ao denotar, os signos linguísticos atribuem realidade ao pensar. Essa possibilidade atributiva funda-se na capacidade do ser humano de imitar fonemas produzidos na ação específica pelo outro”, sendo que “a memória da palavra dita pelo adulto na situação de auxílio da criança – por poder ser mais tarde repetida pela consciência” – atribui uma “realidade ao ocorrido, pois possibilita ter consciência de sua existência e permite a correção por parte do outro”, assim, a palavra tem o poder de “retirar a imagem do esquecimento” (neste caso a imagem de som) e lançá-la do interno ao público.

⁴⁷ CAROPRESO (2010, p. 47).

⁴⁸ GABBI-JUNIOR (2006, p. 136).

⁴⁹ IA I, p. 431.

representações sonoras, as quais se encontram intimamente associadas com as imagens verbais motoras”.⁵⁰

Já o processo do pensar, segundo Freud (1895/1996), também é a realização de um desejo e o seu primeiro signo qualitativo é a fala através da associação de linguagem ocorrida quando os neurônios da memória estão à disposição das imagens de som (ou representações de som). Ao mesmo tempo, o pensar também excita os neurônios ômega, ligados à percepção.

Neste momento, Freud (1895/1996) passa a reconhecer, ainda a partir de um modelo arco reflexo, que a passagem das indicações de descarga de pensamento para as indicações da fala também tem característica de descarga [“de um leve dispêndio motor”].⁵¹ Dito de outra forma, as associações de fala também são uma forma descarregar o desprazer. Um exemplo utilizado pelo autor é que “quando pensamos com intensidade, não há dúvida de que chegamos a falar em voz alta.”⁵²

Então, resgatando a passagem do “princípio de inércia” para o “princípio de constância”, Freud (1895/1996) se depara com uma impossibilidade de que o modelo arco reflexo funcione, pois, percebe que o aspecto econômico não poderia ser descarregado caso o psiquismo não conseguisse realizar a ligação entre a representação e o viés econômico.

Porém, no *Projeto*, o autor se questiona se não haveria outra forma de descarregar o excedente, ou seja, por via da associação linguística. “Assim, [desde a monografia das afasias e também no *Projeto*] o circuito de eliminação, formado na vivência de satisfação e constitutivo do desejo, é provido de um novo elemento: a palavra ouvida”.⁵³

Se a memória é a precursora do inconsciente e ela funciona através de redes associativas de representações, segundo Freud (1895/1996), devemos destacar que ela não tem um caráter criativo. Nestes termos, uma palavra pode

⁵⁰IA I, p. 430. Sobre isso, Gabbi Junior (1992, p [20-21]) comenta que “o signo de qualidade que permite determinar que existiu um pensamento é a representação sonora da palavra, sua imagem acústica. Um pensamento torna-se consciente na medida em que a ele se associam representações acústicas.”

⁵¹ IA I, p. 432.

⁵² IA I, p. 433.

⁵³ GABBI-JUNIOR (2006, p. 136).

ter diversos sentidos pela diversidade de reorganização da rede associativa à qual ela se liga.

Anos mais tarde, Freud (1923/2011) escreveu o texto *O Eu e o Isso*. Para ele, a percepção acústica passa a ocupar o ponto central do psiquismo como um tampão [boné auditivo]. Este tampão, se aberto, escancara que a linguagem tem sempre um acesso direto ao inconsciente e este último, conseqüentemente, se esconde atrás desta primeira como podemos acompanhar na seguinte passagem:

Os resíduos verbais derivam essencialmente de percepções acústicas, de modo que ao sistema pré-consciente é dada como que uma origem sensorial especial. Pode-se inicialmente ignorar os componentes visuais da representação verbal como secundários, adquiridos mediante leitura, e assim também seus acompanhamentos morais, que, exceto no caso dos surdos-mudos, têm o papel de sinais auxiliares. A palavra é, afinal, o resíduo mnemônico da palavra ouvida. (FREUD 1923/2011, p. 25)

Então, como sabemos, segundo o *Projeto*, o grito é uma alteração interna que busca atingir uma ação específica no mundo externo e isso tem uma importante relação com a aquisição de linguagem. Nas palavras de Freud, “essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação”.⁵⁴

No *Projeto* também é indiscutível que o processo de associação, ou seja, a passagem de uma representação à outra, é inconsciente, porém, Freud (1895/1996) não descarta que há representações que estão protegidas pelas barreiras de contato e que não poderiam ser associadas nesse processo inconsciente por estarem submetidas à repressão [fato este que se mantém na *Carta 52*].

Importante ressaltarmos que, na *Carta 52*, o fato de uma representação estar reprimida se dava por uma “falha na tradução”⁵⁵, ou seja, “é como se o desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o

⁵⁴ IA I, p. 379.

⁵⁵ IA I, p. 289.

trabalho de tradução”.⁵⁶ Neste caso, o trabalho de associar as representações verbais é do Eu.

Por fim, no texto *Estudos sobre a histeria*, Freud (1893-1895/1986) nota que a partir dessa noção de Eu, como aquele que pode reprimir algumas representações de serem investidas com o aspecto quantitativo, há, economicamente, um impedimento para que essas mesmas representações cheguem às associações linguísticas e, conseqüente, aos neurônios da consciência (*phi*, caracterizando assim uma possibilidade de sintoma [neste caso, apontamos para o sintoma histérico], assunto tratado no próximo tópico.

⁵⁶ IA I, p. 289.

4. CAPÍTULO II – A SEPARAÇÃO DOS CONCEITOS “ACÚSTICO” E “SONORO”

4.1 APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DO CAPÍTULO

Neste segundo capítulo, apresentaremos de qual forma os conceitos “acústico” e “sonoro” se distanciaram com a mudança na concepção de sedução que afirmava uma não equivalência entre o estímulo sonoro do mundo externo e o representado (enquanto realidade do psiquismo). Demonstraremos ainda como ocorre a estratificação mnemônica desse mesmo estímulo e a quais regras a inscrição do som está sujeita para, posteriormente, surgir, topologicamente, no processo do sonhar.

4.2 ENTRE A SEDUÇÃO E A FANTASIA: A ESCUTA DAS HISTÉRICAS

De início, demonstraremos que mesmo reformulando os entendimentos sobre a fantasia Freud, em nenhum momento, abandonou o objetivo de manter alguma relação entre um estímulo sonoro [externo] e sua representação psíquica. Para tal, iniciamos demonstrando que os mecanismos de defesa patológicos da histeria são escritos por Freud desde o *Projeto*.

Defendendo a sedução como um acontecimento, Freud (1895/1996) acreditava que a criança, a qual manteve contato com experiências sexuais na infância, iria reprimir essa representação, ou, dito de outra forma, pela representação ligada à sexualidade estar excessivamente investida, quando entrasse em confronto com um impedimento de ordem moral, deveria ser mantida fora da consciência para evitar a produção de desprazer.

Essa defesa patológica do Eu, segundo Freud (1895/1996), garantiria ao aspecto econômico reprimido uma manifestação nos membros da histérica, isto pois, para o autor, nos casos histéricos, a ligação entre representação de palavra e representação de objeto [apresentada na monografia das afasias] foi perturbada e, a consequência disso, é: a palavra que se apresentava na consciência não estava ligada a este excesso econômico – também nomeado neste texto de afeto.

Deste modo, ao retomarmos o texto *Sobre a concepção das afasias um estudo crítico* (1891/2013) encontramos uma aproximação entre a afasia e a histeria, pois, ambas se tratam de uma perturbação nessa condução econômica que deveria ligar complexo de palavra e complexo de objeto. A consequência dessa falha era um não sentido nas palavras expressadas por essas pacientes.

Essa defesa patológica funcionava da seguinte forma, para Freud (1895/1996): para que essa representação excessivamente investida não surgisse na consciência, uma outra representação, que estava associada a ela, se tornaria consciente, sendo todo aspecto econômico ligado à essa segunda representação. Por isso, Freud (1895/1996) afirma que, na histeria, a consciência, que também é composta por signos de qualidade, pode estar rebaixada ou ausente.

Esquemáticamente, o Eu retira o investimento de uma representação para outra. Freud (1895/1996) aponta para duas cenas: cena “A” e cena “B”. Segundo ele, estas cenas não podem ser mantidas na consciência, nem estão ligadas entre si. Segundo o autor, o Eu retira toda a quantidade afetiva [ou econômica] que estava na cena originária (“B”) para transmiti-la para “A”, que permanece na memória como um sintoma.

Em resumo, na histeria, a repressão é uma ferramenta utilizada para as representações com tendência a causar desprazer no Eu. Então, ao lermos o *Projeto*, notamos que, no caso das defesas históricas (ou psicopatológicas), não foi possível à recordação patológica encontrar uma forma direta de se apresentar na consciência. Digno ressaltar que desde esse texto de 1895, o sintoma é entendido por Freud como um símbolo mnêmico que ressaltava a ligação entre a manifestação sintomática e a recordação patológica.

Concomitante ao texto *Projeto*, Freud (1893-1895/1986) escreveu (em coautoria com Breuer) o texto *Estudos sobre a histeria*. Freud e Breuer (1893-1895/1986), influenciados por descobertas anteriores, afirmavam que todos os seus estudos mnemônicos apontavam que a origem da histeria estava em lembranças de conteúdos ouvidos, caracterizando recordações carregadas de desprazer, como podemos acompanhar na seguinte passagem:

“O que tenho em mente são as fantasias históricas que, habitualmente, segundo me parece, remontam a coisas ouvidas pelas crianças em tenra idade e compreendidas somente mais tarde. A idade que elas captam informações dessa ordem é realmente surpreendente – dois, seis ou sete nesses em diante...”⁵⁷

Destacamos que o fato de, na paralisia histérica, o membro afetado ter sido eliminado da consciência, já estava posto desde 1886 em *Observação de um caso grave de hemianestesia em um homem histérico*. Neste texto, Freud (1886/1996) analisou o porquê, no caso do paciente August P., havia ausência de sensibilidade em uma das metades do corpo.

Segundo o autor, havia dúvidas sobre a causa destes sintomas, ou seja, não havia uma causa comprovadamente orgânica pela falta constatação de uma afecção de ordem cerebral. A partir disso, Freud (1886/1996) notava que a repressão, realizada pelo Eu, nas representações desprazerosas já caracterizariam um mecanismo histérico causador, inclusive, de perturbações nos órgãos do sentido. Deste modo, a histeria atinge diretamente a recepção dos estímulos sonoros. Sobre esse paciente, Freud destaca:

Sua doença atual começou há uns três anos. Nessa época, teve um desentendimento com o irmão que levava uma vida desregrada, porque este se recusou a lhe pagar uma soma em dinheiro que o paciente lhe emprestara. O irmão ameaçou apunhalá-lo e avançou contra ele com uma faca. Isto causou ao paciente um medo indescritível; sentiu um zumbido na cabeça, como se ela fosse estourar; correu para casa, sem poder contar como foi que chegou lá, e caiu no chão, inconsciente, em frente à porta de casa. Depois, ouviu dizer que, durante duas horas, tinha tido violentos espasmos, durante os quais falara da cena com seu irmão... A metade esquerda de seu corpo ficou como se tivesse sido afetada por um pequeno acidente cerebral; seus olhos se enfraqueceram muito e frequentemente faziam-no ver tudo cinza; seu sono era interrompido por aparições terrificantes e sonhos nos quais pensava estar caindo de uma grande altura; começaram a surgir dores no lado esquerdo da garganta, na virilha esquerda, na região sacra e em outras áreas; seu estômago, com frequência, estava “como se tivesse estourado”, e ele se viu obrigado a parar de trabalhar. Outra piora em todos esses sintomas data da última semana. Além disso, o paciente está sujeito a dores violentas no joelho esquerdo e na planta do pé esquerdo, quando caminha durante algum tempo; tem uma sensação peculiar na garganta, como se a língua estivesse presa, ouve frequentes zumbidos nos ouvidos, e outras coisas dessa natureza. Sua memória

⁵⁷ IA I, p. 299.

está prejudicada quanto aos acontecimentos ocorridos durante sua doença; quanto aos eventos anteriores à doença, porém, não apresenta problemas. Os ataques sob forma de convulsões repetiram-se de seis a nove vezes durante os três anos; contudo, a maior parte deles foi muito benigna; somente um ataque, à noite, no último mês de agosto, acompanhou-se de “agitação” com bastante gravidade.⁵⁸

Podemos encontrar um suporte para o entendimento da paralisia histérica no texto *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*. Neste texto, Freud (1893/1996) demonstra que ela se distancia das paralisias orgânicas. Segundo ele, nas paralisias histéricas estava presente o fato do seguimento distal do membro se encontrar mais afetado pela enfermidade. No caso das paralisias orgânicas, seria comum que as pacientes relatassem um problema na ligação orgânica de um membro como um todo. Por exemplo, nas paralisias histéricas, o ombro ou a coxa poderiam estar mais paralisados do que a mão ou o pé.

Nas palavras de Freud “a lesão nas paralisias histéricas deve ser completamente independente da anatomia do sistema nervoso”, assim, “a histeria se comporta como se a anatomia não existisse”.⁵⁹ Nestes termos, para Freud (1893/1996), na surdez histérica um ouvido, enquanto órgão, pode ensurdecer-se temporariamente. Porém, esse texto é anterior a 1900 e, por isso, não podemos afirmar que a noção de realidade psíquica influenciava essa repressão.

Nestes casos de paralisia histérica, há uma lesão na representação do membro, segundo Freud (1893/1996). Assim, enquanto o conteúdo inconsciente continuasse reprimido, o afeto ligado a ele continuaria excessivo e a paralisia se mantinha. A partir disso, o método de tratamento intencionava que o paciente contasse ao analista “aquilo que ninguém, nem ele mesmo sabia”⁶⁰, visto que “as recordações esquecidas não se haviam perdido. Estas recordações jaziam em poder do doente e prontas a ressurgir em associação” [uma associação de representações]. O objetivo dessa associação seria recompor a ligação entre representação de palavra e representação de objeto,

⁵⁸ IA I, p. 62-63.

⁵⁹ IA I, p. 216.

⁶⁰ IA XI, p. 24

possibilitando ao afeto um escoamento. “Recordar sem afeto é quase sempre ineficaz”.⁶¹

De início, Freud utilizava-se da sugestão hipnótica no tratamento histérico. Esta técnica permitia que os conteúdos reprimidos fossem trazidos à luz da consciência, porém, as histéricas não se recordavam do material rememorado quando acordadas. Foi a partir do abandono do hipnotismo que se pôde ampliar a “compreensão dos processos mentais”, porém, o tratamento da histeria estava acompanhado de um “obstáculo – a resistência dos pacientes ao tratamento, sua relevância em cooperarem na própria cura”, por isso, Freud passou a confiar no fluxo de “associações livres”, estando aberto “o caminho para a análise dos sonhos”, segundo Freud e Breuer (1893-1895/1986, p. 23-24).

Com o abandono da técnica a qual buscava uma recordação dos materiais reprimidos, a fala dos pacientes passa a ser escutada pelo analista o qual apontava a resistência que deveria ser manobrada para as associações de fala se fazerem presentes, permanecendo as palavras livres para adquirir um sentido durante essas associações.

Freud (1893-1895/1986, p. 145), ao escutar Katharina (uma moça que apresentava sintomas histéricos), afirma que os sintomas da moça estão ocorrendo, pois, há certo tempo, ela “deve ter visto ou ouvido algo que muito a constrangeu e que teria preferido muitíssimo não ver” ou escutar. Katharina se lembra que seu tio “fizera investidas sexuais contra ela própria quando estava com apenas quatorze anos”, sendo esta a cena traumática que lhe causava sintomas de angústia.

Notamos que o material ouvido anteriormente estava atrelado aos sintomas histéricos e, conseqüentemente, as fantasias estavam ligadas a acontecimentos reais de sedução, por isso não podemos afirmar uma distinção entre os conceitos de “acústico” e “sonoro”. Assim, para Freud e Breuer (1893-1895/1986, p. 145), “a mera suspeita de relações sexuais desperta o afeto de angústia”. Então, segundo a teoria da sedução, o Eu seria uma organização que estava sendo atacada todo tempo pelas lembranças da cena traumática a

⁶¹ OC II, p. 23.

partir de uma representação ou da percepção de estímulos sonoros provenientes da vida sexual.

Posteriormente, na carta *A teoria transformada*, há um distanciamento do entendimento da noção de sedução. Uma das questões que Freud (1897a/1986, p. 265) ressalta é que: para sustentá-la (a noção de sedução da teoria da sedução), além de ser necessário acusar todos os pais de perversão (inclusive seu próprio pai), para a partir disso buscar nas recordações as cenas de sedução, já que não era possível diferenciar o que era da ordem da “realidade” e da “ficção”.

Então como distinguir casos em que realmente houve uma sedução sexual por parte de um adulto de uma fantasia de sedução e porque os pais eram sempre figuras importantes nestas ficções infantis?⁶²

A partir disso, na *Carta 71* (1897b/1996), ao invés de afirmar que as fantasias eram oriundas de conteúdos ouvidos em tenra idade, ele passa a afirmar que em suas origens está algo que se “teria ouvido” em tenra idade.⁶³ À medida em que avançava nas elaborações de um tratamento para a histeria, Freud percebe que, como destacado anteriormente, a palavra poderia ser o equivalente da ação.

Se a ação pode ser substituída pela linguagem, o método psicoterápico é eficaz à medida em que permite ao caráter excessivo, encontrar a fala como saída. O tratamento psicanalítico está, então, destinado a vencer as resistências infantis, segundo Freud (1893-1895/1986, p. 20), e buscar uma “exteriorização afetiva”.

⁶² Por isso, concordamos com Porchat (2005, p. 25) que, na teoria da sedução, Freud ainda não estava “lidando com a sexualidade infantil”, por isso, “não há lugar para a noção de fantasia”.

⁶³ IA I, p. 321. Segundo Monzani (2014, p. 45), Freud descobriu que “a sedução é uma fantasia”, por isso, “abandona a teoria da sedução, minimiza, mas não nega o fato da sedução e aceita o papel preponderante da fantasia na explicação da etiologia dos sintomas”. O comentador busca responder à questão: teria Freud abandonado a teoria da sedução? A partir disso, Monzani (2014, p. 50-51) comenta que “com o decorrer do tempo, Freud vai progressivamente alargando o papel da sedução”, sendo a fantasia que concede realidade a cena primária (cena “B”), mas essa não era a sedução original da teoria da sedução. Se há fantasia, é porque houve uma sedução da qual nenhum neurótico se safava.

Na transição entre os estímulos endógenos (fome, respiração e sexualidade) e os afetos psíquicos estava o afeto sexual. Na puberdade “a sexualidade surge, na primeira dessas formas, como uma elevação vaga, indeterminada e despropositada da excitação. À medida que o desenvolvimento se processa, tal elevação endógena de excitação, determinada pelo funcionamento das glândulas sexuais torna-se firmemente vinculada à percepção ou a ideia do outro sexo e, a rigor, à representação de um indivíduo em particular quando ocorre o notável fenômeno de apaixonar-se. Essa representação absorve toda a quantidade de excitação liberada pela pulsão sexual, torna-se uma ideia afetiva”. (FREUD 1893-1895/1985, p. 208)

Em resumo, na impossibilidade de distinguir o que a histérica “teria ouvido” de uma lembrança sonora que se tornou inconsciente, Freud (1897b/1996) se questiona se a teoria da sedução se tratava de uma sedução real ou de uma fantasia investida de afeto.

4.3 A ESTRATIFICAÇÃO DO ESTÍMULO SONORO

Como afirmado anteriormente neste texto, desde a monografia das afasias (1891/2013), não podemos considerar o estímulo sonoro e a sua representação como idênticos, pois, a partir do momento em que as informações perceptivas passavam a compor a rede associativa de representações “em vez de uma cópia dos estímulos recebidos na periferia do sistema nervoso, os correlatos das representações, para Freud, consistiriam em construções deste sistema”⁶⁴.

Nestes termos, buscaremos, neste tópico, destacar a partir do texto *Carta 52*, datada de 1896, a forma como um estímulo sonoro poderia se associar a um conjunto de representações psíquicas, se estratificando enquanto conteúdos mnemônicos, caracterizando um órgão receptor único para cada psiquismo, porém, ainda sem a filtragem de estímulos da noção de realidade psíquica. Para tal, iniciamos este tópico tratando do conceito de memória destacado por Freud no texto em questão e das ligações entre o aparelho de memória apresentado no *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996) e o aparelho de escrita apresentado na *Carta 52* (1896/1996).

Segundo Freud (1895/1996), como mencionado anteriormente, o sistema mnemônico do *Projeto* era composto por representações que poderiam estar, ou não, investidas com determinado aspecto quantitativo. Deste modo, o que determinaria que uma representação pudesse estar presente na rede de associações do sistema mnemônico, podendo, conseqüentemente, ser acessada a partir de estímulos sonoros, era o fato desta representação estar investida com este aspecto quantitativo.

Diferentemente do texto da *Carta 52*, no *Projeto*, a memória não seria um sistema estratificado em camadas, isto é, subdividida internamente de acordo com características. Quanto à função do Eu em ambos os sistemas mnemônicos ele era o responsável pela reorganização das redes associativas a partir da recepção dos estímulos externos. Assim, a cada momento que

⁶⁴ CAROPRESO (2010, p. 51).

ocorre uma nova recepção se formam alterações nas representações psíquicas provocando um rearranjo do material mnemônico.

A partir disso, Freud (1896/1996) traz uma leitura de como um estímulo sonoro pode se estratificar no sistema de memória, propondo “a hipótese de que o sistema de memória possuiria vários princípios associativos, cada um dos quais predominaria em uma etapa do desenvolvimento do sujeito”⁶⁵. Neste ponto, o autor nos apresenta outro aspecto metapsicológico que vem se construindo desde o texto do *Projeto*: a topologia. Segundo ela, Freud (1896/1996) deveria partir de um princípio que havia uma separação entre as camadas que compunham esse aparelho de memória determinadas pela temporalidade.

Com a afirmação de que as instâncias da consciência e da memória “são mutuamente exclusivas”⁶⁶, Freud (1896/1996) se deparava com conteúdos carregados de grandes quantidades excitatórias os quais deveriam passar por um trabalho psíquico para se apresentarem na consciência.

Entretanto, com base nesses princípios de estratificação, Freud (1896/1996), como afirmamos anteriormente, modificou o entendimento de um sistema mnemônico. Haveria mais de uma camada neste sistema e ele funcionaria a partir de associações como podemos averiguar na seguinte passagem:

...estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias – a uma retranscrição. Assim, o que há de novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações. Postulei a existência de um tipo parecido de rearranjo (afasia), há algum tempo, para as vias que vão da periferia [do corpo para o córtex]. Não sei dizer quantos desses registros há: três, pelo menos, provavelmente mais.⁶⁷

⁶⁵ CAROPRESO (2010, p. 129).

⁶⁶ IA I, p. 288.

⁶⁷ IA I, p. 287.

Com os conteúdos mnemônicos submetidos a retranscrições (*umschrift*) de tempos em tempos, Freud (1896/1996) enfatizava que não há como garantir que a lembrança de uma vivência perceptiva seja idêntica ao material esquecido, sequer idêntica ao material recepcionado pelos órgãos do sentido.

Se, na monografia das afasias, as palavras são limitadas, visto que se trata de um complexo fechado – diferentemente do complexo de objeto - nesta carta, Freud denota que as formas de reorganização são ilimitadas, seguindo na contramão das teorias espaciais que enfatizavam uma linha constante de progressão temporal.

Com uma teoria de estratificação do sistema mnemônico, Freud (1896/1996) continuaria afirmando que “os neurônios da consciência seriam também neurônios da percepção e, em si mesmos, seriam destituídos de memória”.⁶⁸ Assim, a percepção também não seria capaz de fazer lembrar, porém, ela poderia se dispor “conforme as associações por simultaneidade”⁶⁹ de representações, caso nenhuma representação estivesse submetida ao processo de repressão, seguindo, como no *Projeto*, uma certa determinação conforme os traços mnemônicos.⁷⁰

Para tanto, Freud (1896/1996) necessitaria explicar como ocorre o trabalho psíquico de retranscrição, visto não haver comunicação entre a consciência e a memória. Para o autor, o trabalho psíquico tem início quando os estímulos externos – como os sonoros – se apresentam.

A partir disso, o psiquismo deve realizar a distinção entre alucinação, ou seja, se os estímulos vêm das entranhas do corpo, e realidade, se os estímulos tem origem no mundo externo. Realizada esta distinção, os estímulos sonoros provenientes do externo devem encontrar representantes psíquicos que estejam anteriormente inscritos no aparelho e investidos com o aspecto quantitativo.

⁶⁸ IA I, p. 289.

⁶⁹ IA I, p. 288.

⁷⁰ Sobre a representação na *Carta 52*, Caropreso e Simanke (2013, p. 18) comentam que “apesar de não explicitar sua concepção de representação, esta parece estar sendo pensada da mesma forma que no “Projeto...”, isto é, como consistindo num processo envolvendo quantidade, neurônio, facilitação”.

É após este processo que, segundo Freud (1896/1966), os estímulos perceptivos se tornam “signos de percepção”.⁷¹ Os “signos de percepção” têm, deste modo, relação com forma particular de constituição de cada psiquismo e, conseqüentemente, de cada cadeia associativa.

Em resumo, estes signos já estariam inscritos no aparelho desde que foi possível realizar a distinção entre mundo externo e mundo interno, denotando a ligação entre representação e estímulos anteriormente conhecidos pelo aparelho. Deste modo, haveria possibilidade de decifrar este material proveniente do mundo externo. A partir disso, afirmamos que, segundo Freud (1896/1996), o aparelho de memória trabalha com “signos de percepção” e não com os estímulos.

Neste ponto apresentaremos, segundo a *Carta 52* (1896/1996), os três registros que comporiam este aparelho de escrita: percepções, “signos de percepção” e registro da inconsciência. Neste último se encontram as lembranças sem acesso à consciência, ou dito de outra forma, as representações que sucumbiram à repressão por causarem desprazer e também o registro da pré-consciente (*vb*) - ligado às nossas representações verbais.

Às percepções, o primeiro momento de um aparelho de escrita, Freud (1896/1966) denomina de “P”. Ela é composta por neurônios que recebem os estímulos sonoros, porém nada conservam deles, como podemos acompanhar na seguinte passagem:

Desde essa pré-consciência, as investiduras se tornam conscientes de acordo com certas regras, e por certo, que esta consciência-pensar secundária é de efeito posterior na ordem do tempo, possivelmente enodada à reanimação alucinatória de representações-palavra, de maneira que os neurônios-consciência seriam também neurônios-percepção e em si careciam de memória.⁷²

⁷¹ Neste momento, estamos utilizando o volume I da edição castelhana (Amorrortu editores S.A, p. 275), com tradução direta do alemão por José Luis Etcheverry. Birman (2007, p. 293), ao comentar sobre o texto *Carta 52*, destaca que “um dado signo que se inscreveria inicialmente na cena da escritura seria transcrito e traduzido, posteriormente, em outros registros dessa cena, imbricando os diferentes níveis e registros dessa na escriturária”.

⁷² Retirado do trecho original da Amorrortu editores S.A (1966, p. 275): “Desde esta *prc*, las investiduras devienen concientes de acuerdo con ciertas reglas, y por cierto que esta concieniapensar secundaria es de efecto posterior {*nachträglich*} en el orden del tiempo,

O segundo momento do aparelho de escrita é denominado de “Ps” e, segundo Freud (1896/1996), esses são “os (signos de percepção), a primeira transcrição das percepções, completamente insusceptíveis de consciência e articulada segundo uma associação por simultaneidade.”⁷³

O próximo momento é denominado de “Ie” (a inconsciência), a segunda transcrição. “Ordenada segundo outros nexos, talvez casuais”.⁷⁴

A pré-consciência, por sua vez, seria, segundo Freud (1896/1966), ligada a “representações-palavra” e por isso seria capaz de pensar, embora a memória continue estando na instância inconsciente. Para o autor, conforme as camadas se formam, “cada transcrição subsequente inibiria a anterior e lhe retiraria o processo de excitação”⁷⁵. Deste modo, uma experiência perceptiva iria se estratificando ao passo que as transcrições inibidas ficariam reprimidas⁷⁶.

Também neste texto, para que houvesse um reconhecimento de qualidade de sensação – prazer ou desprazer - por parte do Eu, deveriam haver representações inscritas no aparelho e investidas com o aspecto econômico. Digno de nota que deste modo o processo da memorização já

probablemente anudada a la reanimación alucinatoria de representaciones-palabra, de suerte que las neuronas-conciencia serían también neuronas-percepción y en sí carecerían de memoria.”

⁷³ Retirado da edição Amorrortu editores S.A (1966, p. 275): “Ps [signos de percepción] es la primera transcripción de las percepciones, por completo insusceptible de conciencia y articulada según una asociación por simultaneidad.” O termo original para “signo de percepção” é “Wahrnehmungzeichen”, sendo que “Wahrnehmung” significa percepção e “Zeichen” significa “signo”. Destacamos que no texto *Carta 52*, Freud (1896/1996) formula a hipótese de vários registros de memória, sendo que os “signos de percepção” formariam o primeiro destes registros; porém, não há teorização, neste texto, a respeito da composição deste registro. Também ressaltamos que, no capítulo 7 do texto *Interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2019) retoma a ideia dos vários sistemas mnêmicos, mas também não desenvolve nenhuma hipótese sobre estes “signos de percepção”. Nos textos metapsicológicos, Freud (1915/2010) constrói uma teoria sobre a percepção e sua relação com a memória e consciência, mas sem um desenvolvimento específico dos “signos de percepção”.

⁷⁴ Traduzido da Amorrortu editores S.A (196, p. 275): “Ie (inconciencia) es la segunda transcripción, ordenada según otros nexos, tal vez causales.” Neste ponto, Freud (1896/1996) aponta que o registrado no psiquismo pode não corresponder completamente à realidade.

⁷⁵ IA I, p. 289.

⁷⁶ Segundo Hanns (1996, p. 361), o termo original do alemão para repressão é “Verdringung”, também utilizado por Freud desde 1893 (em *Esboços para a Comunicação Preliminar*), “mas amiúde era empregado de maneira semelhante a defesa”, ou dito de outra forma, “consistia em afastar da consciência” o desprazer. Ainda, segundo Hanns (1996, p. 366), surge um sintoma histórico quando a repressão “fracassa”.

supõe, desde o texto do *Projeto* e da *Carta 52*, que os estímulos sonoros são passíveis de um registro associativo, visto que as próprias sensações são capazes de associações psíquicas.

Neste processo, em resumo, para Freud (1896/1996), uma representação que se apresentava no presente seria capaz de ressignificar outra representação que já estava inscrita no aparelho, caso o Eu não a reprimisse. Neste contexto, a repressão é entendida como uma impossibilidade de tradução, sendo “seu motivo sempre a produção de desprazer”⁷⁷, estando apenas destinadas a eventos de “natureza sexual”⁷⁸. Notamos, neste texto, que os estímulos sonoros insuportáveis para a escuta são os sexuais, porém, a repressão estava apenas trabalhando enquanto uma falha na tradução.

Então, com os “signos de percepção” denotando a realidade, ou não, de um estímulo sonoro temos que, em uma situação de sedução ele poderia ser estratificado na memória, estando sujeito a uma ressignificação a partir de uma representação atual.⁷⁹

A partir destes entendimentos apresentados por Freud (1896/1996), é importante ressaltar a relação entre estes rearranjos de estímulos sonoros (no aparelho memória) e a fantasia. Neste sentido, quando apresenta o texto *Estudos sobre a histeria*, Freud e Breuer (1893-1895/1986), ao destacarem uma das primeiras noções da fantasia, descrevem este aparelho como um sistema com linhas ramificadas, formando conexões particulares, porém desconsiderando este processo de estratificação da memória e com a afirmação de uma realidade psíquica equivalente à realidade externa visto que ainda não havia noção de realidade psíquica. Digno de nota que após este aparelho de memória apresentado na *Carta 52*, as ramificações e as camadas

⁷⁷ IA I, p. 289.

⁷⁸ IA I, p. 289.

⁷⁹ Portanto, concordamos com Menéndez (2010, p. 124-125) sobre a comentadora destacar na *Carta 52* sobre a rememoração da percepção. Segundo ela, a rememoração deveria “trazer à luz a lembrança considerada traumática”, o que supõe a apreensão consciente, “como tradução”, do processo de excitação “em palavras” e, se um traço não pudesse ser traduzido pela produção de desprazer, formaria uma defesa patológica. Sobre isto, Caropreso (2008, p. 59) comenta que “o material sensorial seria sucessivamente reorganizado”, assim, “os estímulos que chegassem ao córtex - isto é, o material constituinte dos correlatos das representações – possuiriam uma relação muito indireta com os estímulos periféricos”, o “rearranjo nesse material” tornaria a relação mais indireta.

da memória denotariam a uma realidade psíquica em *Interpretação dos sonhos*.

Se, em *Estudos sobre a histeria*, a fantasia de sedução estava relacionada a algo que a criança ouviu em tenra idade, na *Carta 52* não havia mais uma garantia de uma equivalência entre o estímulo sonoro apresentado no mundo externo e o representado psiquicamente.

Vale destacar que esta estratificação presente desde o texto do *Projeto*, não estaria relacionada a uma mudança no entendimento da noção de sedução, mas seria um importante apontamento sobre o que seria tratado no texto dos sonhos como um trabalho que realiza o psiquismo – a realidade psíquica – pois, a partir das relações casuais a inconsciência poderia formar associações, segundo Freud (1896/1996).

Sobre o tema das relações casuais, apontado por Freud na *Carta 52*, acreditamos apontar para a noção de realidade psíquica, posteriormente apresentada por Freud em 1900. Se o aparelho psíquico pode se ordenar conforme nexos casuais, Freud está reafirmando que o segundo momento de inscrição psíquica retornará ao primeiro momento tendo a qualidade vivenciada neste último como referência.

4.4. A REALIDADE PSÍQUICA NOS SONHOS

Como destacamos no tópico “A captação sonora”, desde o *Projeto*, Freud (1895/1996) buscava a distinção entre a realidade e alucinação. Naquela época, ele analisava como, durante as repetições das vivências de satisfação, um bebê poderia se afastar da realidade a ponto de não distinguir se estava alucinando a presença de um objeto, ou se este objeto estava realmente presente.⁸⁰

Naquela época, Freud (1895/1996) afirmava o quanto as percepções poderiam perder significativamente sua função durante o sonho como podemos acompanhar na seguinte passagem: “É sumamente interessante que o estado do sono comece e seja provocado pela oclusão dos órgãos sensoriais que podem ser obstruídos.”⁸¹ Assim, ao apresentar o trabalho sobre o acontecer onírico, Freud (1900/2019) destaca o sonho como um processo alucinatório derivado de um rebaixamento da consciência em que, diferentemente do estado de vigília, o Eu não poderia distinguir o que seria da ordem da fantasia ou da realidade.

“Verifica-se aqui que a extremidade perceptiva caracteriza-se por sua permeabilidade e que percepção e memória são funções que não podem ser realizadas pelo mesmo sistema.”⁸² Segundo estes princípios, segundo Freud (1895/1996), a percepção enquanto um processo relacionado à atenção estaria de um lado do sistema, enquanto os traços mnêmicos investidos economicamente estariam em outro sistema, o que também estaria esquematizado no texto dos sonhos.

A forma como o estímulo sonoro pode impactar o sonhar possibilita que Freud (1900/2019) explique o distanciamento entre um material sonoro captado

⁸⁰ Aos comentários de Hanns (1996, p. 60), “pode ocorrer que, ao reproduzir internamente o objeto que lhe trouxe satisfação, o sujeito o deturpe ou distorça, contribuindo ainda mais para o afastamento (*Entfremdung*) entre o subjetivo e o objetivo, cabendo então à ‘verificação de realidade’ controlar até onde chega tal distorção. De certa forma, o tratamento que Freud dá ao tema da diferenciação entre dentro e fora coloca a *Entfremdung* próxima da questão da ilusão e das sensações, pois o ‘objetivo’ (o real), quando reproduzido internamente sob forma ‘subjetiva’ (imaginado, *vorgestellte*), pode estar sendo ‘distorcido’, e precisa ser verificado pelo Eu-realidade.” (HANNS 1996, p. 60)

⁸¹ IA I, p. 399.

⁸² JUNIOR (1999, p. 31).

e sua representação no psiquismo. Segundo o autor, no texto dos sonhos, todos os estímulos perceptivos que adentrem à percepção não serão memorizados como uma imagem exata do objeto externo, mas sim, será construído a partir de uma atividade psíquica. Assim, ao lermos *A interpretação dos sonhos*, notamos que o autor se questiona se há alguma correspondência entre a realidade interna (do psiquismo) e realidade externa no acontecer onírico. Sobre isto, o psicanalista afirmaria que tanto os estímulos sonoros externos podem se transformar em imagens oníricas, quanto os estímulos sonoros internos podem excitar o acontecer onírico.

Assim, há quatro fontes que influenciam a produção do material onírico, segundo Freud (1900/2019), são elas: a excitação dos órgãos do sentido (ou os estímulos sensoriais externos – objetiva), a excitação endógena (ou excitação sensorial interna – subjetiva), o estímulo somático interno (orgânico) e as fontes psíquicas de estimulação (puramente psíquicas). Os nossos estudos estão em duas fontes: a excitação dos órgãos do sentido (ou excitação sensorial externa – objetiva) e a excitação endógena (ou excitação sensorial interna – subjetiva).

Sobre a fonte dos estímulos relacionada aos órgãos do sentido, o psicanalista afirma que “não conseguimos isolar por completo nossos órgãos sensoriais dos estímulos nem anular plenamente a excitabilidade dos nossos órgãos sensoriais”.⁸³ Além disso, “os estímulos sensoriais que nos alcançam durante o sonho podem muito bem transformar-se em fontes do sonho”.⁸⁴ As fontes de estímulos, como os ruídos podem, segundo Freud (1900/2019), se transformar em imagens oníricas.

Assim, “os estímulos que ocorrem durante o sono são elaborados numa realização de desejo, cujos outros elementos são os restos psíquicos do dia que já conhecemos.”⁸⁵ A partir disso, Freud exemplificaria com um de seus sonhos os estímulos sonoros influenciando a produção onírica como podemos acompanhar na seguinte passagem:

⁸³ OC IV, p. 47.

⁸⁴ OC IV, p. 47.

⁸⁵ OC IV, p. 267.

Numa manhã, durante o alto verão, acordei em uma cidade alpina do Tirol, sabendo que havia sonhado: o papa morreu. Não consegui interpretar esse sonho sucinto e não visual. Lembro-me apenas de, pouco antes, ter lido no jornal que sua santidade se sentira levemente indisposta. Mas no decorrer da manhã minha esposa perguntou: “você ouviu esse terrível soar dos sinos nesta manhã?”. Eu não estava ciente de ter ouvido os sinos, mas agora entendi meu sonho. O sonho havia sido a reação da minha necessidade de dormir ao barulho com o qual os tiroleses pios tentaram me acordar. Eu me vinguei deles com o pensamento que forma o conteúdo do sonho e voltei a dormir sem nenhum interesse pelos sinos”.⁸⁶

Sobre a fonte dos estímulos relacionada a excitação sensorial interna, como os zumbidos nos ouvidos ou as excitações subjetivas da retina, Freud (1900/2019) destaca que também estão relacionadas aos órgãos do sentido, sendo importantes fontes de imagens oníricas. “Como fonte de imagens oníricas, as excitações sensoriais subjetivas aparentam ter a vantagem de, diferentemente das excitações objetivas, não dependerem do acaso externo”.⁸⁷

O aparelho psíquico apresentado no texto dos sonhos é um “instrumento composto cujos componentes chamaremos de instâncias ou, por amor da expressividade, sistemas”.⁸⁸ São três instâncias⁸⁹, sendo que a excitação percorre o aparelho com “uma determinada sequência temporal”.⁹⁰ Garantindo “que durante certos processos psíquicos estes sistemas sejam percorridos pela excitação numa sequência temporal determinada”.⁹¹ Estas instâncias são o consciente e o pré-consciente, compondo o que Freud (1900/2019) denomina de processo secundário e o inconsciente que, por sua vez, comporia o processo primário.

⁸⁶ OC IV, p. 271-272.

⁸⁷ OC IV, p. 56.

⁸⁸ OC IV, p. 587.

⁸⁹ Destacamos que não estamos desconsiderando a importância da fisiologia visto que uma das fontes do material psíquico produzido nos sonhos é a excitação externa dos órgãos do sentido. No caso do sonho, como comenta Gabbi Junior (1991, p. 149), a divisão proposta por Freud “caminha na direção do mais objetivo para o mais subjetivo, do mais externo para o mais interno, do fisiológico para o psicológico. O estudo do sonho para Freud caminha “contra a concepção médica que pretende dar conta do sonho assinalando em cada caso e para cada elemento, o estímulo produtor”. “Freud mostra a natureza lacunar, contraditória e incapaz de exibir regularidades, presentes na visão médica. Sua principal falha reside numa incapacidade crítica de exibir como se relacionam estímulos e imagens oníricas.” (GABBI JUNIOR, 1991, p. 149)

⁹⁰ OC IV, p. 587.

⁹¹ OC IV, p. 587.

Toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Então, atribuímos ao aparelho uma extremidade sensível e uma extremidade motora; na extremidade sensível se encontra um sistema que recebe as percepções; na extremidade motora, outro que abre as comportas da motilidade. Em geral, o processo psíquico transcorre da extremidade perceptiva para a extremidade motora.⁹²

Por isso, segundo Freud (1900/2019), o inconsciente é um sistema que está por trás do pré-consciente, assim, um material que atravessa do primeiro ao segundo deve tolerar alterações. Neste texto, o psicanalista afirma que tanto o inconsciente quanto o pré-consciente “são dois tipos de inconsciente”⁹³, sendo diferenciados pelo fato do material inconsciente ser “incapaz de chegar a consciência”.⁹⁴

Enquanto o pré-consciente é chamado assim por “suas excitações poderem chegar à consciência – embora respeitando certas regras e talvez somente após superar uma nova cesura, mas sem consideração pelo sistema inconsciente”.⁹⁵ Sobre o inconsciente, Freud (1900/2019) destaca:

O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, tão desconhecido para nós, em sua natureza íntima, quanto a realidade do mundo externo, e nos é apresentado de modo tão incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas indicações de nossos sentidos.⁹⁶

A consciência, por sua vez, nada mais é do que um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas.⁹⁷

No texto dos sonhos, Freud (1900/2019) afirma que os conteúdos oníricos derivam inteiramente dos resíduos da constituição sexual, sendo que “o que é visto no período pré-histórico produz sonhos, o que é ouvido nesse mesmo período produz fantasias e o que é experimentado sexualmente, ainda

⁹² OC IV, p. 587.

⁹³ OC IV, p. 587.

⁹⁴ OC IV, p. 668.

⁹⁵ OC IV, p. 668.

⁹⁶ OC IV, p. 666.

⁹⁷ OC IV, p. 669.

no mesmo período, produz as psiconeuroses”.⁹⁸ Para o autor, “os sonhos são realizações de um desejo”⁹⁹, ou dito de outra forma, “o sonho poderia ser descrito também como substituto de uma cena infantil modificado pela transferência para algo recente”.¹⁰⁰

Para Freud (1900/2019), o desejo, enquanto função, influencia o processo perceptivo. Assim, o que manobra a recepção dos estímulos sonoros é a realidade psíquica.¹⁰¹ Há, segundo Freud (1900/2019), dois momentos que compõe a instância do pré-consciente: no primeiro momento, a criança esteve em contato com os estímulos sonoros, porém, pela imaturidade sexual, nada pôde reter destes estímulos. No segundo momento não há a captação completa dos estímulos sonoros, porém, o psiquismo capta algumas amostras, tendo como referência o momento primário.¹⁰²

Em resumo, segundo o psicanalista, o que é ouvido durante um sonho está carregado por uma realização de desejo, entretanto, “devemos contrapor o conteúdo onírico manifesto ao conteúdo onírico latente.”¹⁰³ O primeiro é uma mensagem camuflada, já o segundo é o desejo que se realiza de forma disfarçada, sendo que é função da censura, segundo Freud (1900/2019), exercer essa distorção na expressão do desejo.

Neste ponto destacamos o “sonho dos serviços de amor”, segundo Freud (1900/2019), ele é um exemplo de como o que se ouviu anteriormente pode retornar no acontecer onírico de forma distorcida. Trata-se do sonho de

⁹⁸ IA I, p. 332.

⁹⁹ IA I, p. 332.

¹⁰⁰ OC, p. 597.

¹⁰¹ A partir disso, segundo Lecourt (1997, p. 80), “as experiências sexuais vividas no próprio corpo” apontam para o “tema do trauma”, colocando em oposição realidade física (experiência corporal) e realidade psíquica (impressão sensorial e fantasia).

¹⁰² Em 1905, no texto *Os três ensaios para a teoria da sexualidade*, não encontramos mais em Freud a noção de uma imaturidade sexual. No livro *O movimento de um pensamento*, Monzani (2014, p. 33) comenta que “a sexualidade não é algo que, adormecido, habita nossas entranhas esperando o momento oportuno para se manifestar. Ao contrário, em vez de ser algo pronto, ela é o resultado de uma síntese, de uma composição em que diferentes pulsões, diversas zonas, serão progressivamente ativadas e lentamente se integrarão para dar essa forma final que conhecemos”. Digno de nota que, embora não encontremos, ao menos posteriormente a 1905, a noção de imaturidade sexual nos textos de Freud, a semente da cena primária e secundária já está plantada desde essa passagem de *Interpretação dos sonhos*. A partir disso, são necessárias duas cenas para que se organize uma fantasia, o que não exclui a importância dos fatores externos. Sobre isso, Monzani (2014, p. 50) ressalta que é necessário “o grão de realidade, a partir do qual a cena foi construída”.

¹⁰³ OC IV, p. 168.

uma senhora que vai à um hospital militar oferecer serviços (mais especificamente serviços amorosos). Durante o sonho, por diversas vezes, a censura transformou os conteúdos do sonho em um murmúrio incompreensível, os quais ela não consegue identificar e por vezes ouve também gargalhadas.¹⁰⁴

Outro exemplo disso está em outro sonho interpretado por Freud (1900/2019): o sonho de um pai que “passou dias e noites à cabeceira do filho doente”¹⁰⁵. Após a morte da criança, ele se encontra descansando num quarto em frente ao quarto do filho falecido. Na sequência da descrição desse sonho está:

Após algumas horas de sono, o pai sonha que o filho está em pé ao lado de sua cama, que o agarra pelo braço e sussurra em tom de repreensão: “Pai, você não vê que estou queimando?”. Ele acorda e vê um brilho forte vindo do quarto do filho, corre até lá e encontra o vigia idoso adormecido, a mortalha e um braço do corpo do amado filho queimando por uma vela que caíra.”¹⁰⁶

Nosso interesse está na fala dita pela criança no sonho de seu pai: “Pai, você não vê que estou queimando?”, esta fala foi “composta de palavras realmente ditas por ela enquanto viva e que se ligaram a eventos importantes para o pai”.¹⁰⁷ A queixa “‘estou queimando’ se liga à febre que tinha a criança, e a frase: ‘Pai você não vê?’, a outra situação carregada de afetos, mas que nos é desconhecida”.¹⁰⁸

Freud (1900/2019) afirma que no sonho há dois tipos de trabalhos psíquicos: a condensação e o deslocamento. A condensação seria a capacidade do sonho em, a partir de um mesmo traço de memória, formar representações. Estas representações formam o conteúdo latente de um sonho manifestado em imagens (conteúdo manifesto).

¹⁰⁴ OC IV, p. 177. No texto *Freud e o universo sonoro*, segundo Lecourt (1997, p. 47), isto ressalta o caráter sonoro deste sonho, “representado sob múltiplas formas: palavras ouvidas, gargalhada e ênfase da palavra serviços”. (LECOURT, 1997, p. 106)

¹⁰⁵ OC IV, p. 558.

¹⁰⁶ OC IV, p. 558.

¹⁰⁷ OC IV, p. 559.

¹⁰⁸ OC IV, p. 559.

Segundo Freud (1900/2019), tanto o processo de deslocamento, quanto o de condensação ocorrem na instância pré-consciente. Nesta instância, há o encontro do que se provém da consciência (ou seja, os acontecimentos dos dias de véspera do sonho ou até acontecimentos do dia anterior) com os conteúdos do inconsciente, conteúdos estes que se apresentam deformados após atravessar a barreira da censura (ou seja, os conteúdos de vivências infantis).¹⁰⁹

O deslocamento, segundo Freud (1900/2019), é um movimento exercido pela censura em que se transfere um investimento para outra representação, pois, “o sonho é como que centrado diversamente dos conteúdos oníricos, seu conteúdo é ordenado em torno de outros elementos como centro”.¹¹⁰ Porém, o psicanalista destaca que estes conteúdos tem um valor de realidade psíquica mesmo que não de realidade factual como podemos acompanhar na seguinte passagem:

O fato de o sonho apresentar fantasias e não lembranças de eventos reais não é revelado pela própria interpretação do sonho; esta nos fornece apenas um conteúdo de pensamentos e deixa que verifiquemos sua realidade.¹¹¹

A partir disso, um estímulo sonoro ouvido no estado de vigília se apresentará no sonho através de imagens, estando sujeito ao trabalho de distorção anímica: condensação e deslocamento. Assim, é possível “condensar um material de pensamentos extraordinariamente rico”¹¹², sendo que o Eu também pode “surgir várias vezes ou em formas diferentes”¹¹³ num sonho.

O Eu, como o que está em contato com a realidade externa, percebe o mundo exterior dando forma a uma sucessão cronológica de eventos, porém, sobre a realidade psíquica, Freud (1900/2019) destaca que não se deve

¹⁰⁹ “Os sons tornam-se materiais elementares da figuração dos sonhos pela equivocidade das palavras e sua proximidade sonora.” (Bourlot e Vives, 2012, p. 506, *apud* Ibertis, 2019, p. 81)

¹¹⁰ OC IV, p. 347.

¹¹¹ OC IV, p. 330.

¹¹² OC IV, p. 365.

¹¹³ OC IV, p. 365.

“atribuir realidade aos desejos inconscientes. Devemos negá-la”¹¹⁴ e pode-se dizer que “a realidade psíquica é uma forma de existência especial, que não deve ser confundida com a realidade material.”¹¹⁵

Os sonhos, embora de forma despistada, estão escancarando “a imoralidade”.¹¹⁶ “Na maioria das vezes, o que há de eticamente escandaloso em nossos sonhos e fantasias desaparece quando se leva em conta o modo de funcionamento do aparelho psíquico”.¹¹⁷ Segundo Freud (1900/2019), o sonoro, enquanto uma realidade psíquica, é resultado de uma filtragem dos estímulos externos que tem como referência a constituição do desejo.

Há ainda, outra forma de trabalho psíquico destacada por Freud (1900/2019) e que também está relacionada aos sons: a figuração onírica. Como já destacamos, a censura tende a deformar o conteúdo onírico, por isso o psicanalista necessita da chave interpretativa para entender o sentido do inconsciente.

Freud relata um sonho que consistiu em duas partes: “a primeira é a palavra ‘Autodidasker’”¹¹⁸ da qual se lembrava de forma vivida. A segunda parte o sonho se tratava “de uma fantasia sucinta e inofensiva, produzida alguns dias antes”.¹¹⁹ Nesta fantasia, Freud dizia ao professor N. que “o paciente, sobre o qual eu o consultei, realmente sofre apenas de uma neurose, como o senhor suspeitou”.¹²⁰ “Autodidasker” é um neologismo que “pode facilmente ser dividido em autor [Autor], autodidata [Autodidakt] e Lasker, ao qual liguei também ao nome Lassalle”¹²¹, que está relacionado ao nome “Alexander”¹²², demonstrando a relação dos sons no sonho.

Este sonho demonstra que analisar um sonho com base na concepção figurativa, segundo Freud (1900/2019), é legítimo. Assim, devemos lembrar

¹¹⁴ OC IV, p. 674.

¹¹⁵ OC IV, p. 674. A respeito da realidade psíquica do sonho, deve-se destacar, como comenta Gabbi Junior (1991, p. 144), que “o sonho pode não representar a realidade como ela é, mas pode representá-la a partir de uma parte, tomando o todo pela parte escolhida.”

¹¹⁶ OC IV, p. 674.

¹¹⁷ OC IV, p. 674.

¹¹⁸ OC IV, p. 341.

¹¹⁹ OC IV, p. 341.

¹²⁰ OC IV, p. 341.

¹²¹ OC IV, p. 341-342.

¹²² OC IV, p. 664.

“que representações, pensamentos, formações psíquicas em geral não devem jamais ser localizados em elementos orgânicos do sistema nervoso”¹²³, pois, “tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interna é virtual” e isso caracteriza o sonoro enquanto realidade psíquica.¹²⁴

¹²³ OC IV, p. 664.

¹²⁴ OC IV, p. 664.

5. CAPÍTULO III – A DISTINÇÃO DOS CONCEITOS “ACÚSTICO” E “SONORO” NOS TEXTOS DE FREUD

5.1 APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DO CAPÍTULO

Apresentaremos, a partir da noção de realidade para Freud, como é possível realizar o teste de realidade dos estímulos sonoros a partir das representações que estão inscritas anteriormente no psiquismo e como isso ressalta o caráter de escolha do psíquico. A partir disso, através da inscrição da imagem sonora, demonstraremos como, pelo mecanismo de repressão, um ponto de fixação pode filtrar a escuta dos estímulos sonoros o que distingue os conceitos de acústico e sonoro.

5.2 O TESTE DE REALIDADE DE UM SOM

Como apresentamos anteriormente, segundo o *Projeto*, o Eu - sujeito da percepção - seria o responsável por identificar, com base em experiências anteriores, as sensações de prazer e desprazer enquanto qualidades psíquicas. Dessa forma, o psiquismo não preexiste ao indivíduo, mas sim, é inaugurado a partir das primeiras representações, se fundando a partir de uma questão anatômica, mas, não se reduzindo à ela. Também já ressaltamos que o Eu se forma nos neurônios da memória para trabalhar como uma organização cuja presença interfere nas passagens excitatórias, segundo Freud (1895/1996).

Nestes termos, caso um estímulo provindo do mundo externo fosse causador de desprazer, o Eu o reprimiria. Então, segundo Freud (1895/1996), este estímulo seria bloqueado de uma possível associação com as inscrições psíquicas. De fato, para que um psiquismo pudesse realizar esse bloqueio, ele necessitaria dos “signos de percepção” descritos anteriormente. Para tal, o aparelho deveria ter distinguido as excitações provindas do mundo externo das exigências das entranhas do corpo.

Posteriormente, essa distinção entre provenientes do mundo externo e interno encontrou uma forte ancoragem a partir noção de “teste de realidade”, apresentada por Freud (1911/1969) no texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*.

Mas, em 1895, o mecanismo que possibilitava a Freud pensar nessa distinção era o “princípio de constância”. Com um psiquismo que funcionava a partir de um modelo arco reflexo, o bebê buscava, segundo o *Projeto*, descarregar esse acúmulo quantitativo para fugir da sensação de dor, o que muitas vezes ocorreria através do grito, como ressaltado anteriormente. “A tendência da energia que não é descarregada é a de se acumular, gerando tensão e necessidade imediata de agir, como se fosse uma carência ou uma necessidade.”¹²⁵

Então, o “princípio de constância” foi, para Freud (1895/1996), considerado o segundo teorema principal sobre o funcionamento econômico neuronal. Segundo ele, os estímulos endógenos deveriam resistir à descarga, ao menos por um período temporal para que uma imagem pudesse ser formada.

Já a captação dos estímulos externos, responsabilidade do sistema perceptivo, ocorreria por amostras, ou seja, o aparelho psíquico deveria escolher em quais representações iria investir e isso apontaria quais estímulos externos seriam recepcionados. “Todo ato perceptivo, como já chamamos a atenção, enseja o aparecimento de processos associativos em psi”.¹²⁶

Embora em 1895 Freud já afirmasse que o complexo associativo - formado psiquicamente - teria um funcionamento único, o autor ainda não havia fornecido nenhum apontamento direto para uma noção de realidade psíquica e, muito menos, à quais regras esta realidade estaria sujeita, o que só foi apresentado no texto *Interpretação dos sonhos*.

No textos dos sonho e na vigência da primeira tópica, Freud (1900/2019) afirmava que o desejo influenciava a forma como o Eu relacionava o processo perceptivo com a inscrições psíquicas a partir de uma noção de

¹²⁵ FONSECA (2012, p. 107).

¹²⁶ GABBI-JUNIOR (2006, p. 58).

realidade externa e psíquica. Porém, a própria noção de realidade de Freud estava para ser reformulada a partir de dois princípios, são eles: “princípio do prazer” e “princípio de realidade”.

Fato que teríamos que esperar até 1911 para entender a relação entre “o princípio da constância” apresentado no *Projeto* e a noção de realidade em Freud. Foi no texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911/1969) que o autor pôde distinguir tanto do que se trata um “princípio de realidade”, quanto formular um princípio que teorizasse sobre as sensações de prazer e desprazer – o “princípio do prazer”.

James Strachey, em nota introdutória ao texto do *Projeto* na edição da imago (1996), afirma que o “mecanismo de inibição” seria o precursor do “princípio do prazer” apresentado em 1911. O mecanismo de inibição tinha a função de proteger o aparelho contra os aumentos excitatórios, segundo Freud (1895/1996). Este mecanismo funciona de modo a influenciar que “quantidades de estímulos endógenos se divida na direção das diversas barreiras de contato na proporção inversa de suas resistências”.¹²⁷

Segundo Freud (1895/1996), o “mecanismo de inibição” – como precursor do “princípio do prazer”, como comenta James Strachey - se formaria durante as primeiras experiências da criança, regendo o processo primário, quando ainda não era possível distinguir estímulos endógenos de exógenos. É a partir desse princípio que a criança pode alucinar a presença de um objeto sem investir erroneamente o aspecto econômico nessa alucinação.

Neste momento, “o Eu parte de uma situação de relativa indiferenciação em relação ao mundo, na qual o que lhe importa é apenas dominar, reduzir e, se possível, repelir a quantidade de excitação”.¹²⁸ Assim, “o teste de realidade funciona como uma espécie de freio para a alucinação”.¹²⁹ Mas, do que se trata a noção de “teste de realidade”?

¹²⁷ IA I, p. 385.

¹²⁸ FONSECA (2016, p. 114).

¹²⁹ PORCHAT (2005, p. 43). Futuramente, no texto *A perda da realidade na neurose e na psicose*, Freud (1924/2011) afirma que na psicose, “não só é excluído o acolhimento de novas percepções, mas também é retirado o significado (investimento) do mundo interior, que até então representava o mundo exterior, como sua cópia”. Assim, o Eu está autônomo para “criar um novo mundo exterior e interior, e não há dúvida quanto a dois fatos: primeiro, esse novo

Para explicar essa questão devemos retomar o “mecanismo de inibição”. Com base nesse mecanismo, como já afirmamos, a criança deveria suportar uma quantidade de desprazer para, posteriormente, exteriorizá-lo através do grito como forma de escoamento, segundo Freud (1895/1996). No ato desse acúmulo, a criança seria tomada pela dor, considerada pelo próprio autor uma falha estrutural, porém, ao mesmo tempo, uma condição de humanidade como podemos acompanhar na seguinte passagem:

Todos os dispositivos de natureza biológica têm limite de eficiência e falha quando um limite é ultrapassado. Essa falha se manifesta em fenômenos quase patológicos – que poderiam ser descritos como protótipos normais do patológico. Já vimos que o sistema nervoso está constituído de tal maneira que as grandes quantidades externas ficam afastadas dos neurônios da percepção – consciência e mais ainda dos neurônios da memória pelas telas de terminação nervosa, [e pela] conexão meramente indireta entre memória e o mundo externo. Existe algum fenômeno que possa ser interpretado como o equivalente da falha desses dispositivos? A meu ver, existe: a dor.¹³⁰

Digna a observação de que “a dor não é idêntica ao desprazer. Toda dor é desprazível, mas nem todo desprazer tem origem na vivência dolorosa, podendo decorrer do acúmulo de quantidades endógenas”.¹³¹

Assim, a resistência oferecida pelo sistema de neurônios garante que um fluxo de excitação nervosa excessiva não invada o psiquismo. Com isto, seria necessário o “princípio de realidade”, segundo Freud (1911/1969), para garantir proteção psíquica.

Feito de outra forma, o estímulo externo teria um acesso direto ao psiquismo causando desprazer pelo excesso excitatório e isso só poderia ser mediado por conta dos traços mnemônicos inscritos anteriormente no aparelho. Neste momento, é “acrescida a preocupação com a realidade das situações

mundo é edificado conforme as pulsões de desejo do isso” (a parte do aparelho que está composto por todos as forças pulsionais), segundo, “o motivo dessa ruptura com o mundo exterior é uma difícil, aparentemente intolerável frustração do desejo por parte da realidade”.

¹³⁰ IA I, p. 367.

¹³¹ GABBI-JUNIOR (2006, p. 58).

efetivas no mundo, que exigem o adiamento da satisfação em troca da sobrevivência do organismo.”¹³²

Nestes termos, seria, segundo o autor, o “teste de realidade” uma passagem do primeiro momento (“princípio do prazer”) para o segundo momento (“princípio de realidade”).

Porém, podemos afirmar que haveria, a partir de 1911, com a formação do “princípio de realidade”, uma ruptura entre a atividade psíquica do indivíduo e objeto? Negamos tal hipótese, a partir do método “leitura de Freud”, proposto por Monzani (2014). Segundo Freud (1911/1969, p. 239), “sua atividade vai encontrar as impressões sensórias a meio caminho, ao invés de esperar por seu aparecimento”. É, então, de acordo com a realidade psíquica que os órgãos perceptivos funcionam como filtros para os estímulos que não sejam causadores de desprazer. A partir disso, na distinção dos conceitos de “acústico” e “sonoro” estará atrelado esse grão de realidade do que se ouviu em tenra infância.

Nestes termos, o psicanalista afirma não haver como um indivíduo se escravizar do “princípio do prazer” e negligenciar, concomitantemente, a realidade do mundo externo. A repressão – como aquela que evita a sensação de desprazer - passa a ter um caráter de condicionamento subjetivo, pois, o indivíduo pode, ao menos em partes, se distanciar de alguns aspectos da realidade que a façam causadora de desprazer.¹³³

Assim, segundo Freud (1911/1969), é a partir do “princípio de realidade” que o indivíduo é capaz de adequar a relação com os objetos. Digno de nota o fato de ser, a partir do mesmo princípio, que, nos neuróticos, o psiquismo pode realizar essas alterações dos estímulos externos de uma forma menos agressiva das alterações realizadas na psicose.¹³⁴

¹³² FONSECA (2016, p. 115).

¹³³ Sobre os textos iniciais entre 1895 e 1900, Porchat (2005, p. 42) comenta: “o que se ganha ao lançar um olhar para esses textos é a descoberta de que todos os elementos estão a serviço de dois objetivos básicos: impedir a satisfação alucinada do desejo e predispor o aparelho psíquico para reconhecer na realidade o objeto que o satisfaz”.

¹³⁴ Sobre isso, Perez, Bocca e Bochi (2014) destacam que, para Freud (1911/1969), as funções mnemônicas são intrapsíquicas, visto que não há uma relação especular entre o mundo e o

Então, podemos afirmar que é a partir do sistema mnemônico apresentado por Freud (1895/1996) no *Projeto* que podemos identificar uma alucinação (operação do “princípio do prazer”) e uma operação do “princípio de realidade”. De acordo com este princípio, havia uma possibilidade de passagem de uma representação para outra, formando novas reordenações nas cadeias associativas e permitindo encontrar por via da palavra um sentido. Neste ponto, o autor também destaca a importância da linguagem ao afirmar que as impressões dos objetos só passam a adquirir qualidades perceptíveis à consciência até estarem ligadas aos resíduos verbais.

Porém, o autor destaca uma exceção à essa regra: o fantasiar. O fantasiar pode manter-se mais afastado da realidade, pois foi liberado do teste de realidade e permaneceu subordinado somente ao “princípio do prazer”. Interessante ressaltar que nem no “princípio de realidade” Freud (1911/1969) assegura uma relação fiel entre realidade externa e psíquica. Segundo o autor, até nestes casos a adequação da relação entre indivíduo e objeto carrega consigo alguns traços alucinatórios.

Para Freud (1911/1969, p. 61), “a memória faz uma seleção entre as impressões que lhe são oferecidas (...) na infância, com base em princípios inteiramente diferentes dos que vigoram na época da maturidade intelectual”.¹³⁵ Quando Freud trata das impressões, elas estão relacionadas aos objetos e devem adquirir qualidade para que haja dinamicamente uma comunicação entre impressões de objeto e consciência.¹³⁶

A partir disso, podemos relacionar quais pressões extra psíquicas podem atuar tanto no “princípio do prazer” quanto no “princípio de realidade”. No texto *Formulações...* Freud (1911/1969) passa a afirmar que o psiquismo é pressionado por duas vias: as pulsões sexuais e as pulsões do Eu, destacamos

indivíduo que garanta uma divisão completa, mesmo nos neurônios, entre o mundo externo e o interno.

¹³⁵ IA VI, p. 61.

¹³⁶ Para Hanns (1996, p. 145), “de um modo ou de outro, a memória é que é ativada; abstraindo-se da realidade imediata, ela presentifica o objeto.”

que as primeiras têm relação com fantasia, enquanto as posteriores têm relação com a consciência.¹³⁷

Como o Eu é o sujeito da percepção, ele estaria relacionado com as pulsões do Eu e ao sistema de percepção-consciência. As pulsões sexuais teriam relação com a fantasia, mas, segundo Freud (1911/1969) e, como já ressaltado, essas não firmam uma relação clara com o “teste de realidade”.

Retomando os textos iniciais, temos, desde o *Projeto*, que o Eu está composto por representações acústicas. Nestes termos, as impressões dos objetos só passam a adquirir qualidades perceptíveis à consciência até estarem ligadas aos resíduos verbais no pré-consciente, a partir disso, é possível realizar deslocamentos de fala.

Porém, não houve quietude teórica com a afirmação de que haveriam pulsões que não estariam sexualizadas – as pulsões do Eu. Em verdade, com a publicação do texto metapsicológico *Pulsões e destinos de pulsão* (1915/2017), o autor admite que desconectar o termo pulsão da sexualidade era impossível, ou seja, a sexualidade estaria tanto no “princípio do prazer”, quanto no “princípio de realidade”.

A respeito disso, na segunda tópica, Freud revê a posição do Eu no aparelho psíquico e passa a relacioná-lo tanto às pulsões, quanto ao sistema de percepção-consciência. Estando a primeira relação (Eu e pulsões) submetida ao “princípio do prazer” e a segunda relação (Eu e sistema percepção-consciência), ao “princípio de realidade”. A partir disso, o tema dos deslocamentos também está relacionado com a forma como o indivíduo adequa a sua relação com os objetos e seus atributos.

Desde o texto o *Projeto*, Freud (1895/1996) apresentou, sob a forma de cadeias associativas de representações, que os deslocamentos ocorrem a partir de representações investidas do aspecto econômico. Deste modo, o processo de deslocamento busca, segundo Freud (1895/1996), um movimento

¹³⁷ Posteriormente, em 1920, ao escrever o texto *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/2011) afirma que há uma perda de realidade na neurose, embora menos severa que na psicose. Freud (1924/2011) não desconsidera a perda da realidade na neurose e a relação feita entre percepção e repressão aponta para o sonoro enquanto representante psíquico de uma pulsão reprimida.

de transferência do aspecto econômico que estava investido em uma representação para outra, pois, apenas assim uma representação teria acesso à consciência e poderia ser acessada pelos estímulos externos. Com o esquema das redes de representações, Freud (1895/1996) ressalta a potência de uma linguagem capaz de combinações, produzindo um efeito poético.

Para que esse investimento possa ser deslocado de um sentido para outro, as barreiras de contato, segundo Freud (1895/1996), deveriam estar facilitadas, apontando o caminho para o desejo. A facilitação possibilita a escolha, marcando preferências entre as representações do psiquismo que serão acessadas por via da escuta. Assim, neste momento da obra, a percepção está sempre ligada às representações verbais, ativando a função do Eu de identificar se a situação se trata de realidade ou alucinação agora a partir de um “teste de realidade”.

5.3 DA “FALHA NA TRADUÇÃO” À “REPRESSÃO PRIMORDIAL”

Freud concebeu, ao longo de sua obra, duas formas de funcionamento do psiquismo que foram denominadas de tópicas. A primeira delas durou cerca de 20 anos e é a ela que os textos trabalhados até então nesta dissertação estão submetidos. Neste tópico, buscaremos ressaltar como a noção de repressão era trabalhada como uma “falha de tradução” na *Carta 52* e o porquê ela foi alterada em 1915, no texto *A repressão* (1915/2010), na vigência da segunda tópica.

Para discorrermos sobre essa alteração, iniciamos neste ponto, retomando a função dos “signos de percepção”, pois, após 1896, era a partir deles que uma realidade seria distinguida de uma alucinação. Freud (1896/1996), não destaca apenas um único signo, mas sim um registro composto por signos de percepção. Segundo a *Carta 52*, seria necessário um primeiro movimento de transcrição para que uma percepção fosse traduzida formando, posteriormente, o “signo de percepção”.¹³⁸

No âmbito da estratificação, para que ocorra uma nova tradução psíquica, segundo Freud (1896/1996), a representação anterior deveria estar sob o exercício do “mecanismo de inibição” [apresentado anteriormente]. Nestes termos, um estímulo poderia ser traduzido a partir de uma próxima representação e, desta forma, o psiquismo seria formado por camadas que sobrepunham umas as outras.

Cerca de 20 anos mais tarde, Freud (1915/2010) explicaria, através do texto *A repressão*, o mecanismo de funcionamento de uma representação que não poderia passar pelo processo de tradução (apresentado na *Carta 52*). Fato é: desde os textos iniciais, o autor buscava demonstrar o porquê um conteúdo representacional deve ser mantido fora da consciência.

¹³⁸ Namba (2012, p. 61) comenta que “um signo perceptivo não tem, por definição, acesso à consciência. Tão logo seja transcrito, afasta-se dela e aproxima-se mais de um signo de memória, permanecendo igualmente inacessível à consciência. Apenas ao passarem por uma terceira transcrição, ao serem ligados a representações-palavra, é que tais signos tornam-se então suscetíveis de consciência”.

Para acompanhar este movimento na obra, faremos, neste ponto, uma retrospectiva dos textos trabalhados nesta dissertação que ressaltaram como um conteúdo causador de desprazer é impedido de ter acesso à consciência e, por fim, relacionaremos a repressão – apresentada na *Carta 52* - com a “repressão primordial” e seus pontos de fixação – ambos destacados por Freud no texto *A repressão* (1915/2010).

Primeiramente, vamos lembrar o texto *Estudos sobre a histeria* (1893-1895/1986). Nesta época, embora Freud acreditasse que as experiências de sedução se tratavam de um acontecimento, havia, em sua teoria, a ideia de que o psiquismo iria reprimir a representação sexual por ela estar excessivamente investida. Segundo o autor, estes conteúdos eram lembranças de conteúdos ouvidos anteriormente. Neste texto, assim como no *Projeto*, ele também destacava esse processo como um movimento de defesa patológica realizada pelo Eu.

Ao afirmar que a origem das fantasias estavam em conteúdos ouvidos pelas pacientes histéricas, Freud (1893-1895/1986) passou a teorizar sobre como essas representações poderiam retornar à consciência através da lembrança.

Embora a defesa do Eu não se sustente perante esse retorno, o autor ainda não havia desatrelado a sedução de um acontecimento, assim, não haveria uma autonomia, mesmo que parcial, dos órgãos do sentido perante aos estímulos externos, bem como, não havia uma teorização sobre as camadas psíquicas (da *Carta 52*) que explicasse como a inscrição do que se ouviu poderia se alterar psiquicamente.¹³⁹

No texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996), vimos que Freud construiu um modelo de psiquismo partindo de um sistema mnemônico.

¹³⁹ Posteriormente, ao afirmar que o conceito de sedução abrange o cuidado que a criança recebe em seu corpo, a ideia de uma sedução como acontecimento não se sustentaria. Porém, em nenhum momento, Freud desatrelou completamente a formação de uma fantasia com os acontecimentos da realidade externa, como podemos acompanhar na seguinte passagem escrita por Freud (1933/2010, p. 274): “E agora reencontramos essa fantasia na história pré-edípica da garota, mas a sedutora é invariavelmente a mãe. Mas nisso a fantasia toca no chão da realidade pois foi realmente a mãe que, cuidando da higiene corporal do bebê, suscitou-lhe (ou talvez despertou mesmo) sensações prazerosas nos genitais.”

Com base em experiências mnemônicas anteriores, as barreiras de contato entre um neurônio e outro não estariam facilitadas, o que impediria um conteúdo de ser acessado, ou seja, estaria impedido de chegar à consciência.

O Eu, neste texto [*Projeto*], também impediria que estas representações se mantivessem acessíveis, inclusive, bloqueando estímulos sonoros (ou visuais) que pudessem trazê-las à consciência.

Digno de nota que Freud (1895/1996) não nomeou este impedimento de resistência, mas, não podemos desconsiderar que estava apontado um conteúdo que não teria acesso à consciência. Podemos afirmar, a partir destes textos¹⁴⁰, que o Eu tem uma função especial nesta primeira tópica. Ele detém autogoverno para impedir, ou não, que um estímulo sonoro reorganize a rede de representações. Deste modo, como já apontamos, a captação sonora do psiquismo é manobrada pela repressão a partir de um condicionamento subjetivo.

O último texto retomado neste ponto é *A interpretação dos sonhos* o qual Freud institui a instância pré-consciente como facilitadora para que os conteúdos reprimidos – em posse da instância inconsciente – possam ter acesso à consciência durante o sonhar, desde que obedeçam às regras de distorção. Para Freud (1900/2019), o desejo, enquanto função, influencia o processo perceptivo. Assim, é a realidade psíquica que manobra a recepção dos estímulos sonoros.¹⁴¹

No texto dos sonhos, a instância do Eu, enquanto apenas o sujeito da percepção, também oprime os conteúdos que possam causar desprazer ao psiquismo, garantindo um afastamento da realidade caso haja contato com esses conteúdos desprazerosos [sexuais]. Porém, ao longo da obra de Freud, o Eu não é capaz de se manter atuante apenas na instância consciente e isso causa uma reviravolta na primeira tópica como explicaremos no decorrer dessa escrita.

¹⁴⁰ *Estudos sobre a histeria, Projeto para uma psicologia científica e Carta 52.*

¹⁴¹ A partir disso, segundo Lecourt (1997, p. 80), “as experiências sexuais vividas no próprio corpo” apontam para o “tema do trauma”, colocando em oposição realidade física (experiência corporal) e realidade psíquica (impressão sensorial e fantasia).

Para iniciarmos uma caminhada pelo movimento do conceito de repressão nos textos de Freud, partimos da *Carta 52*. Neste texto, o autor fala sobre uma “falha na tradução – isto é o que se conhece clinicamente como ‘repressão’”¹⁴² de uma representação.

Tanto no texto do *Projeto*, quanto no texto da *Carta 52*, consciência e percepção fariam parte de um mesmo sistema, assim, caso o Eu permitisse que um estímulo sonoro externo reorganizasse um aparelho, também estaria permitindo que as representações envolvidas nesse processo viessem à consciência, pois, é através do movimento das retranscrições que uma representação poderia sair da pré-consciência para ter acesso à consciência. Neste texto [*Carta 52*], a noção de reprimido ocupava as funções que futuramente, em *Interpretação dos sonhos*, seria de responsabilidade da noção de inconsciente.

Assim, questionamo-nos ao que Freud (1896/1996) apontava quando afirmou que a repressão “é uma falha na tradução”?¹⁴³ e o que impediria o processo de tradução [retranscrições do material psíquico através da “ativação alucinatória das representações verbais.”]¹⁴⁴?

Quando este processo de tradução não pode ocorrer, para Freud (1896/1996), não é possível reajustar o aspecto econômico e o excessivo não escoia. “É como se o desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de tradução”¹⁴⁵, nas palavras de Freud. Essa “defesa patológica somente ocorre contra um traço de memória de uma fase anterior, que ainda não foi traduzido”.¹⁴⁶

Freud (1896/1996) ainda destaca um caso especial para as lembranças de cunho sexual: um acontecimento de caráter sexual carregado com a sensação de desprazer causa novamente um desprazer quando despertado e, por isso, não poderá passar pela inibição. A consequência disso é a falha na tradução.

¹⁴² IA I, p. 289.

¹⁴³ IA I, p. 289.

¹⁴⁴ IA I, p. 289.

¹⁴⁵ IA I, p. 289.

¹⁴⁶ IA I, p. 290.

Assim, em *Interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2019) afirma ser necessário dois processos para que uma experiência possa ser inscrita e para que sua qualidade possa adquirir um sentido. No processo primário, o que a criança ouviu em tenra infância não pode adquirir um sentido, pois, pela imaturidade sexual, a criança não pode relacionar o que ela ouviu a um objeto.

Porém, essa primeira experiência não deixou de adquirir uma qualidade – prazer ou desprazer – através do “signo de percepção” (apresentado na *Carta 52*). Posteriormente, um processo secundário irá atualizar essa primeira experiência na presença de um objeto e a qualidade poderá ser retificada. Em resumo, à medida que a criança vai adquirindo conhecimento sobre a sexualidade, essa primeira experiência vai adquirindo um potencial traumático. Em 1915, no texto *A repressão*, seria agregado a esse processo a moralidade imposta pelos pais.

“O que determina a defesa patológica (repressão), portanto, é a natureza sexual do evento e a sua ocorrência numa fase anterior”.¹⁴⁷ Não podemos esquecer que posteriormente, no ano de 1897, Freud escreve cartas (como a *Carta 59, Rascunho L, Rascunho M* etc.) nas quais afirma que as fantasias tem sua origem em coisas ouvidas em tenra infância. Neste sentido, um sintoma histérico “não é uma descarga mas uma ação; e conserva a característica original de toda a ação” [acumular].¹⁴⁸

Agora, podemos destacar o texto *A repressão* o qual Freud (1915/2017) apresentará quais são os conteúdos que provocaram a “repressão primordial”. “Consiste no fato de ser negado, à representante psíquica da pulsão, o acesso ao consciente (...) com isso se produz uma fixação”¹⁴⁹. Há também, posteriormente, as “repressões propriamente ditas”. Para o autor, na repressão primordial, o processo de fixação manteria o representante psíquico sem nenhuma alteração.

Segundo Freud (1915/2010), a “repressão primordial” seria responsável por instaurar a barreira da censura (com base na moralidade), assim, as

¹⁴⁷ IA I, p. 290. Futuramente, no texto, *A repressão*, Freud (1915/2017) trabalhará a noção de fixação e demonstraremos na sequência do trabalho como isso pode ser relacionado à falha na tradução da *Carta 52*.

¹⁴⁸ IA I, p. 293.

¹⁴⁹ OC XII, p. 85-86.

instâncias psíquicas se formavam e um conteúdo que estivesse na instância inconsciente deveria sofrer modificações para se apresentar à consciência.

Nestes termos, a fixação garante, segundo Freud (1915/2017), que o afeto continue ligado ao representante psíquico da pulsão sem a possibilidade de descarregar o excedente. Segundo Strachey, na introdução do texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996), os estímulos endógenos apresentados por Freud em 1895 estão nomeados, em *A repressão*, como “pulsões”, também estando elas marcadas pelo caráter excessivo.

As pulsões nos aparecem como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal.”¹⁵⁰

Ou seja, segundo Freud (1915/2010), além da experiência sexual [que promove uma qualidade de desprazer] ter o acesso à consciência negado, ela [a lembrança da experiência sexual] está sempre sendo tamponada por novas repressões parciais.

Digno ressaltarmos que a “repressão primordial” não nasce com um indivíduo, ela é um mecanismo adquirido ao longo do caminho, segundo Freud (1915/2017), a qual este indivíduo pode se submeter, e, nestes casos, ela “deixa sintomas” ¹⁵¹, sendo através dos sintomas que as repressões podem produzir um efeito no psiquismo.

A partir disso, o Eu enquanto sujeito da percepção e parte superficial do Isso (o que será esclarecido no próximo tópico), tende a retornar para esses pontos de fixação, o que aponta tanto para a realidade psíquica de um indivíduo, quanto para como os órgãos do sentido responderão a essa realidade psíquica. ¹⁵²

¹⁵⁰ OC II, p. 25.

¹⁵¹ OC XII, p. 93.

¹⁵² Posteriormente, em 1923, no texto *O Eu e o Isso*, Freud concebe que o Eu está relacionado tanto ao sistema percepção-consciência, quanto ao Isso (a instância das pulsões, como define Freud). Sobre isso, Fonseca (2012, p. 95) comenta que “é nesse ponto do desenvolvimento

Nestes termos, o uso que um indivíduo faz de sua linguagem demonstra quais representações sucumbiram à barreira da repressão e quais representantes psíquicos [neste caso, representantes psíquicos de um som] estão disponíveis para realizar novas traduções. Tema do próximo tópico dessa dissertação.

conceitual da psicanálise que surge a necessidade de uma segunda e diversa tópica do psiquismo, que sugere chamar de Eu à consciência perceptiva e àquilo que é pré-consciente, designando o psíquico restante, que engloba o reprimido, mas não se reduz a ele, pelo nome de Isso”.

5.4 A ESCUTA DAS PALAVRAS

Iniciamos este tópico retomando a monografia das afasias de 1891. Neste texto, ao afirmar que não haveria nenhuma representação sem ligação com a imagem acústica, Freud (1891/2013) destacou a importância sonora da linguagem como ressaltamos anteriormente no tópico “A aquisição da linguagem”. Para o autor, a imagem sonora seria a primeira formada enquanto inscrição psíquica, sendo seguida pela formação das imagens motoras da fala. Essa questão seria tratada posteriormente no texto *Projeto para uma psicologia científica* o qual Freud (1895/1996) retomou essa importância sonora da linguagem ao discorrer sobre o uso linguístico, enquanto um signo de qualidade para o pensar.

Nestes termos, segundo Freud (1895/1996), para que seja possível um processo de pensamento, os neurônios da memória necessitam da representação sonora – imagem de som - para realizar uma ligação com as imagens motoras da fala.

A partir disso, Freud (1895/1996) constrói uma relação entre o texto das afasias de 1891 e o texto *Projeto*. Segundo o autor, a imagem de som está diretamente relacionada ao complexo de palavra. Este complexo, como destacado anteriormente nesta dissertação, embora não seja um complexo aberto (como o complexo de objeto), possibilita que as palavras estejam ligadas conforme a rede de associação psíquica esteja formada.

Havendo ligação entre as representações – ao formar cadeias – o psiquismo garante, segundo Freud (1895/1996), que o “grau de facilitação” entre essas representações permita um deslizamento de uma representação para a outra [barreiras facilitadas]. Digno ressaltar que esse processo de deslizamento entre as representações é possível desde que o psiquismo não encontre nenhuma resistência na comunicação dos neurônios da memória.

Se alguma representação estivesse sob o domínio da repressão, por ser causadora de desprazer, segundo o *Projeto*, o deslizamento não poderia atravessá-la, e, conseqüentemente, ela não seria trazida à luz da consciência através da fala, ou dito de outra forma, através do uso da palavra. Se, segundo

Freud (1895/1996), uma experiência adquire uma qualidade – prazerosa ou desprazerosa - as representações que se encontram impedidas de vir à consciência são consideradas desprazerosas.

A respeito do processo que promove o pensar deslizante nessa rede associativas, Freud (1895/1996) afirma, a partir do texto *Projeto*, que isso depende de um Eu mediador. Neste momento da obra, o autor está se referindo apenas a um Eu, enquanto sujeito da percepção, capaz de influenciar a ligação entre estímulos sonoros e representações psíquicas, porém, com a máxima interferência de bloquear algum estímulo na escuta, evitando o acesso a uma representação de qualidade desprazerosa que se encontrava na instância inconsciente [com base nas resistências entre as facilitações].

Digna a observação de que um signo de qualidade, como o uso linguístico, pode promover ao psiquismo sensações de prazer ou desprazer conforme a conexão que é realizada entre estímulo sonoro e representação psíquica. Futuramente, ao publicar *Interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2019) relacionou essas representações desprazerosas (submetidas à repressão) à conteúdos de ordem sexual vivenciados em tenra infância.¹⁵³

A partir disso, podemos retomar ao pensamento que a formação de uma qualidade precisa de dois momentos, ou segundo os comentários de Monzani (2014, p. 50), duas cenas. No processo primário, segundo Freud (1900/2019), embora a experiência sexual adquira uma qualidade (prazer ou desprazer), ela ainda não adquire um sentido. Se estivermos atentos, notaremos que Freud, no texto dos sonhos, está trabalhando a partir dos princípios de tradução da *Carta 52*.

Será necessário então, segundo Freud (1900/2019), um segundo momento para que se forme a qualidade da experiência sexual. Esse segundo momento terá como referência o momento primário e a forma como cada um irá adquirir essa qualidade aponta para a realidade psíquica.

¹⁵³ Em nota acrescentada no texto dos sonhos em 1925, Freud (1900/2019) destaca que “as palavras primordiais designavam coisas sexuais que depois perderam esse significado sexual quando passaram para outras coisas e atividades, que eram comparadas as sexuais.”¹⁵³

É neste sentido que Freud (1900/2019) afirma que no sonho também ocorre uma retranscrição.¹⁵⁴ No caso do sonhar, ocorre a retranscrição de um material imagético (relacionado ao que foi visto no período inicial da infância) que se encontrava no inconsciente e que, a partir desta retranscrição, pôde passar para a instância pré-consciente. A partir de então, um conteúdo de ordem alucinatória (uma imagem inconsciente) poderia se tornar um conteúdo de palavra, conseqüentemente, deslizando a partir de uma rede de representações.

Então, uma palavra, enquanto representação só irá adquirir o seu sentido com a segunda cena, segundo Freud (1900/2019). Isso garante que o desejo possa influenciar a recepção das percepções durante o sonhar a partir da realidade psíquica.

Devemos ressaltar que na época de escrita do texto dos sonhos, Freud escrevia a partir dos princípios da primeira tópica. Assim, o desejo apresentado no sonhar, segundo o autor, estava relacionado apenas à instância inconsciente. Nestes termos, o Eu, novamente, teria apenas a função de ser um mediador entre mundo externo e interno, influenciando no sistema de percepção-consciência (tendo como referência a qualidade psíquica da representação sexual).

De qualquer forma, o sonho se caracteriza como um afastamento da realidade para o psicanalista. Com os princípios de estratificação da *Carta 52*, Freud (1900/2019) afirmava, a partir do modelo arco reflexo, que o estímulo sonoro que chegava ao aparelho sofreria rearranjos até ser descarregado. Digno de nota que entendemos por estratificação uma subdivisão interna por características. Assim, com a ausência da repressão, podemos apontar que a recepção de um estímulo sonoro não aterra o contexto das representações, mas faz novos rearranjos, reorganizando a cadeia.

Posteriormente, na escrita de sua segunda tópica, Freud destaca esse Eu enquanto duas funções especiais e não apenas uma, como na primeira tópica. A primeira dessas funções permanece idêntica à primeira tópica: ser o

¹⁵⁴ O sonho não cria... o que o sonho pode fazer é jogar com o sentido das palavras, jogar com esses materiais, mas essas palavras devem ter sido ouvidas previamente". (LECOURT, 1997, p. 106)

sujeito da percepção e mediar a relação entre estímulos externos e representações. A novidade está na segunda função assumida pelo Eu: ser uma parte superficial do Isso.¹⁵⁵

De início, pode soar desconexo que um psiquismo tenha uma instância que atue de formas tão distintas e em pontos opostos, porém, ao afirmar que o Eu atua enquanto uma parte superficial do Isso, Freud está lidando de forma mais direta com um Eu mediador do mundo externo, pois, será sua função [do Eu] retirar o aspecto quantitativo – caracterizado por ser sempre excessivo - do Isso para que se possa investir nos objetos do mundo externo. Destacamos que esse movimento do psiquismo influencia tanto o processo de escuta, quanto o de fala.¹⁵⁶

Para que o psiquismo possa realizar os deslizamentos de pensamento - associações de escuta e, posteriormente, associações de fala – ele precisa ter um Eu mediando sua relação com o objeto e silenciando, ao menos parcialmente, o caldeirão das pulsões, de outra forma, esse conjunto de organizações psíquicas não caracterizaria uma neurose e o sonoro não estaria relacionado à uma realidade psíquica. Porém, isso não garante que, na neurose, não existam dificuldades na relação entre realidade externa e psíquica.

Retomando o *Projeto*, cabe ressaltar do que se tratava o pensamento para Freud (1895/1996) e qual a influência do Eu nesse processo. Segundo o autor, o processo de pensamento tem seu início no reconhecimento que um indivíduo pode realizar do objeto através das experiências perceptuais tendo como guia as memorizações do processo de descarga que caracterizam o desejo.

¹⁵⁵ Neste ponto, também concordamos com Monzani (2014) pelo fato de a cena secundária ter como referência a cena primária o que também garante, na segunda tópica, que possamos realizar a seguinte afirmação: “fantasias, cenas, sintomas, não nascem nem se constituem como uma pura expressão das pulsões.” (MONZANI, 2014, p. 50)

¹⁵⁶ Como afirmamos anteriormente, no texto *O Eu e o Isso*, Freud (1923/2011) faz a seguinte afirmação sobre as características de um processo do pensar neurótico: “A palavra é, afinal, o resíduo mnemônico da palavra ouvida”. Gabbi Junior (1992) associa essa passagem à forma como a criança vai distinguindo realidade psíquica e realidade externa. Segundo o comentador, “o resto da palavra que é fundamental para que um pensamento possa se tornar consciente é fornecido pela palavra ouvida. Assim, o não falsear do pensar parece estar ancorado na palavra do outro dita durante a ação específica. Pois é apenas através dessa conexão que a própria palavra pode evitar seu falseamento”. (GABBI JUNIOR 1992, p. 65)

Não devemos desconsiderar que, na cena primária, se instaurou uma referência de qualidade à qual outra experiência, no processo secundário, poderá se atualizar e adquirir um sentido. Assim, com o passar das experiências, segundo Freud (1895/1996), o objeto vai se relacionando com sua atividade e possibilitando ao indivíduo um processo de julgamento sobre ele – qualidade do objeto. O que dirige isso é “o fato de que a representação desejante, presente na memória, se mantém catexizada durante o tempo que a cadeia associativa é percorrida.”¹⁵⁷

Como destacado anteriormente, desde o *Projeto*, Freud afirmava que representações excessivamente investidas não poderiam ser trazidas à consciência – por uma resistência no “grau de facilitação das barreiras de contato” e, no caso das associações de fala, haveria um bloqueio nesse deslocamento das representações que poderiam impedir o acesso a algo por caracterizar uma qualidade de desprazer.

Deste modo, para Freud (1895/1996), é possível que o afeto seja deslocado através das palavras que estão inscritas nessa rede de associações desde que estas não estejam sob a barreira da resistência. Assim, no *Projeto*, o desejo orientava a fala de acordo as experiências mnemônicas anteriores de qualidade.

Desde a imitação, anterior ao processo da fala, de acordo com Freud (1895/1996), para que o indivíduo se conscientize do sentido de suas próprias palavras, deve haver uma vinculação entre um primeiro momento de palavra ouvida e um segundo momento da palavra falada. Interessante ressaltar duas questões: ao mesmo tempo em que essa vinculação entre palavra ouvida e palavra falada possibilita o movimento às descargas de desejo, para Freud (1895/1996), também devemos considerar que a experiência sonora, enquanto excessiva, caracterizou um desprazer nas primeiras inscrições psíquicas do indivíduo. Porém, feito de outra forma, não haveria uma inervação linguística que possibilitasse a comunicação.

Em resumo, desde o *Projeto*, a ligação entre representação de palavra e representação de objeto promove ao indivíduo um escoamento por via da

¹⁵⁷ IA I, p. 391.

fala, pois, segundo Freud (1895/1996), a inervação linguística causa uma alteração interna no psiquismo. É nesse sentido que a psicanálise consolidou a sua técnica de escuta, enquanto facilitadora para libertação desse processo de deslizamento de sentidos, presos e reclusos, às leis da barreira da repressão por, em algum momento, terem se deparado com a moralidade.¹⁵⁸

No caso da escuta, segundo o *Projeto*, essa repressão do desprazer impediria que o Eu realizasse a união entre estímulos, sonoros do mundo externo, e representações inscritas, o que impossibilitaria a um indivíduo não escutar alguma informação, mesmo sem nenhuma patologia nos ouvidos. Destacamos também que, “do ponto de vista dos estímulos externos, o mecanismo da atenção dirigida, que se dá através dos órgãos do sentido, permite o recolhimento de apenas pequenas amostras referenciais de dados da efetividade, evitando o excesso de estimulação”.¹⁵⁹

Não devemos esquecer que, segundo o autor, para dar um sentido a uma representação, o indivíduo deve ter formado a ligação entre o objeto e seus atributos, de outro modo, não haveria possibilidade de encontrar sentido por via do uso linguístico, segundo Freud (1895/1996).

Este fato se manteve na *Carta 52*, pois, segundo Freud (1896/1996), o Eu está ligado às representações verbais, porém, apenas se essas representações estiverem investidas com o aspecto econômico poderiam vir à consciência através da percepção. Nestes termos, todos os sentidos são capazes de causar qualidades de desprazer, e, pela possibilidade dos sentidos acessarem essas representações reclusas à barreira da repressão, o psiquismo se defende impedindo o deslizamento de novas traduções – caracterizando um sintoma. Esse acúmulo não descarregado é o que caracteriza o excedente em um sintoma, segundo Freud (1895/1996).

A partir disso, esse deslizamento de representações que o analista buscar escutar de seu paciente não deve ter um único sentido, fechado em si mesmo, pois, segundo a *Carta 52*, a cada novo sentido, ou, dito de outra forma,

¹⁵⁸ Sobre isso, Fonseca (2016, p. 135) comenta que “é essa possibilidade de tornar o reprimido consciente, vencendo as resistências que se oporiam a isto, que origina a clínica psicanalítica, a qual pretende desmobilizar a energia utilizada para manter as representações fora do campo da consciência perceptiva, reincorporando o reprimido à consciência.”

¹⁵⁹ FONSECA (2016, p. 117).

a cada nova tradução realizada nas representações é possibilitada à cadeia se reorganizar. Podemos afirmar que, segundo o autor, essa ligação entre a palavra e o aspecto econômico reafirma o caráter de flexibilidade, contrário à diminuição da palavra em um único sentido. Aqui temos, apresentado por Freud (1896/1996), o poder da palavra.

Nestes termos, uma escuta analítica deve, de acordo com Freud (1896/1996), potencializar o deslizamento das palavras, o que foi apontado desde o *Projeto*, levando em consideração a variedade de constituição das redes de associação. Assim, essa escuta analítica deveria também possibilitar novas e inúmeras traduções possíveis através da ligação entre representação de palavra e representação de objeto de modo a libertar o aspecto econômico excessivo - sintoma.

Deste modo, retomamos que, ao destacar o complexo de palavra como um campo fechado na monografia das afasias, Freud (1891/2013) não estava defendendo que elas eram conclusivas em si mesmas, mas que poderiam deslizar conforme as associações de simultaneidade desde que estivessem ligadas ao complexo de objeto. Também na monografia das afasias, Freud, ao afirmar que a imagem de som está unindo representação de palavra à representação de objeto, está destacando “a extremidade sensível – sendo a palavra essencialmente *escutada*”.¹⁶⁰

¹⁶⁰ ASSOUN (1996, p. 81).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos este trabalho sem poder considerar os conceitos “acústico” e “sonoro” como equivalentes na obra de Freud. Segundo nossa pesquisa, desde os textos iniciais (*Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico e Projeto para uma psicologia científica*), o autor destacava o estímulo sonoro e sua representação psíquica, porém, sem distinguir especificamente a realidade interna da realidade externa. Assim, demonstramos que desde este texto das afasias os complexos associativos de imagens (consultar imagem da página 17) são designados enquanto um conjunto de imagens sensíveis que estão associadas e unidas, enfatizando ainda que não há imagens que não sejam sensíveis enquanto representações, neste sentido, ouvir é associar.

Notamos que essa distinção foi tema do texto *Interpretação dos sonhos* (1900/2019) no qual o autor afirmou uma não equivalência entre estímulo sonoro e representação. Este fato estava apontado desde a separação entre as percepções externas e endopsíquicas, trabalhadas por Freud no *Projeto*, sendo, “percepção: objeto presente e representação: objeto ausente”¹⁶¹. A forma como o estímulo sonoro pode impactar o sonhar possibilita que Freud (1900/2019) explique o distanciamento entre um material sonoro captado e sua representação no psiquismo. Segundo o autor, no texto dos sonhos, todos os estímulos perceptivos que adentrem à percepção não serão memorizados como uma imagem exata do objeto externo, mas sim, será construído a partir de uma atividade psíquica.

Segundo Freud, com a noção de realidade psíquica, não poderíamos afirmar que o conteúdo ouvido em tenra infância fosse idêntico ao representado, pois, este conteúdo deveria passar tanto por um momento primário, quanto por um momento secundário. Dito de outra forma, neste texto, Freud (1900/2019) notou, a partir do estudo onírico, que a realidade do psiquismo não era idêntica à realidade externa.

Deste modo, destacamos que nos textos de Freud datados entre os anos de 1891 e 1915 a percepção acústica, ou seja, o termo “acústico”, foi

¹⁶¹ JUNIOR (1999, p. 29).

constantemente relacionada ao processo de atenção e de juízo, enquanto, o termo “sonoro” foi, por outro lado, constantemente relacionado ao processo de realidade psíquica. Destacamos ainda que o termo “sonoro” foi relacionado à representação, enquanto um traço investido economicamente desde o texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996).

Identificamos que desde os textos *Projeto para uma psicologia científica* e *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*, Freud apontou a importância sonora da linguagem, sendo que os estímulos sonoros só poderiam adentrar no aparelho através da percepção acústica se pudessem se associar com representações que já estivessem inscritas no psiquismo.

Então, na primeira tópica, embora acreditasse que o Eu, enquanto sujeito da percepção, estivesse relacionado apenas com o sistema de percepção-consciência, Freud já apontava que a realidade psíquica poderia manobrar tanto a escuta, quanto o uso linguístico das palavras de um indivíduo (por meio das suas representações).

Assim, ao longo da escrita dessa dissertação, retomamos diversas vezes o texto *Projeto*, pois, segundo Freud (1895/1996), um complexo de representações se formaria com base na experiência de satisfação (prazerosas ou desprazerosas). Neste sentido, as representações adquiririam qualidades.

A partir da *Carta 52*, segundo o princípio de estratificação da memória apresentado em 1896 (*Carta 52*), Freud afirmava que os conteúdos mnemônicos estariam submetidos às retranscrições (de tempos em tempos). Desta forma, o autor enfatizava que a constituição da instância mnemônica vai na contramão de uma linha constante de progressão temporal.

Deste modo, não há como garantir que a lembrança de um acontecimento sonoro seja idêntica ao estímulo, de acordo com a *Carta 52*. Sequer podemos afirmar que a lembrança é idêntica ao que foi recepcionado pelos órgãos do sentido naquele momento. Embora a escrita da *Carta 52* tenha sido anterior à publicação do estudo dos sonhos, não podemos deixar de ressaltar que Freud demonstra um aparelho psíquico trabalhando com “signos de percepção” durante o processo de tradução e não com os estímulos, o que demonstra que o termo “acústico”, enquanto um processo da percepção

relacionado à atenção e ao juízo, não poderia equivocar-se com o termo “sonoro” após a noção de realidade psíquica estar explícita em *Interpretação dos sonhos*.

Neste trabalho, também não desconsideramos que a experiência sonora, enquanto excessiva, segundo Freud (1895/1996), caracterizou um desprazer nas primeiras inscrições psíquicas do indivíduo por estar relacionada com os conteúdos de ordem sexual.

Destacamos que o desprazer também esteve presente quando destacamos que o bebê sofre ao escutar seu próprio grito, porém, também ressaltamos que, feito de outra forma, não haveria uma inervação linguística que possibilitasse a comunicação.

Sobre a comunicação, destacamos que desde o texto *Projeto* e, posteriormente, *Carta 52*, Freud propunha, através das redes de associações, que as palavras poderiam deslizar obtendo em cada tradução um novo sentido. Nestes termos, se não fosse a representação de um som [o viés sonoro], não seria possível o escoamento do excessivo – sintomático - por via da linguagem.

Neste processo, segundo Freud (1896/1996), seria necessário que o momento primário fornecesse uma referência de qualidade para o momento secundário. Assim, após esse processo de tradução, uma palavra adquiriria um sentido. Também seria a partir desse princípio de estratificação da memória (proposto na *Carta 52*) que a escuta poderia se formar enquanto sensação que pode adquirir uma qualidade psíquica.

Assim, o sintoma se caracterizaria por um acúmulo não descarregado, pois, o psiquismo impediria o deslizamento de novas traduções caso a representação estivesse reprimida, segundo Freud (1896/1996). Apontamos posteriormente, neste trabalho, que com o distanciamento da teoria da sedução os conceitos de “acústico” e “sonoro” também se distanciaram, pois a representação psíquica de um som (inscrição) não seria apenas consequência de uma percepção da realidade externa.

Porém, não havia ainda uma teoria que apontasse a influência da realidade psíquica nesse processo (de inscrição), o que só seria possível com

o texto *Interpretação dos sonhos*, quando Freud apontou a função do desejo na realidade psíquica, a partir do princípio de que “o desejo articula-se a uma alucinação”.¹⁶² Com esta afirmação, o psicanalista destacava que a representação não é completamente fiel ao estímulo acústico, pois, poderiam haver distorções no momento da representação do mesmo.

Posteriormente, o texto metapsicológico *A repressão* (1915/2010) distinguiu os conceitos de “acústico” e “sonoro” ao afirmar que a repressão tem livre incidência sobre os estímulos externos os bloqueando da escuta caso causassem qualquer desprazer para a realidade psíquica de um indivíduo. Porém, Freud percebe que o mesmo sujeito da percepção, o Eu, protetor do aparelho psíquico por barrar estes estímulos perigosos, também o ameaçava por outras vias. Também no texto *O Inconsciente* (1915/2010), Freud afirma que há um distanciamento entre mundo interno e mundo externo sendo que ambos os processos teriam se formado, ao menos em partes, de forma simultânea.

Então, estando na segunda tópica sobre o psiquismo, Freud se depara com um Eu composto tanto de uma parte consciente (ligada ao sistema percepção-consciência), quanto de uma parte inconsciente relacionada com a censura e com as excitações internas constantes, as pulsões.¹⁶³

Finalizamos essa escrita apontando nosso interesse para o estudo da noção de “signo de percepção” nos textos de Freud. Nos questionamos sobre quais influências levaram Freud a constituir sua noção de “signo de percepção” e do que essa noção se trata visto ser pouco visitada pelos comentadores. Segundo o autor, seriam necessários dois momentos para que uma inscrição psíquica se formasse, sendo que os “signos de percepção” seriam referências de qualidade (prazer ou desprazer) para um segundo momento.

A partir disso, nos questionamos: não estaria a noção de “signo de percepção” presente em outros momentos da obra como em *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* quando o autor distingue a representação-palavra e a representação-objeto, ou, em *Projeto para uma*

¹⁶² JUNIOR (1999, p. 28).

¹⁶³ Encontramos o fato de o aparelho psíquico poder evitar excitações externas, mas não poder fugir de excitações endógenas desde o *Projeto para uma psicologia científica*, sendo este assunto retomado posteriormente no texto *Mais além do princípio do prazer*.

psicologia científica quando o autor destaca a noção de signo e sua relação com a percepção ou, inclusive, no texto *Interpretação dos sonhos* quando o autor reformula os momentos da inscrição psíquica e sua relação com o conteúdo sexual?

Enfim, além de podermos responder a pergunta inicial dessa pesquisa, ainda tivemos nossos sentidos aguçados para tantas outras questões que podem vir a se tornar, futuramente, uma nova fonte de conhecimentos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7.1 ARTIGOS

BIRMAN, Joel. Escritura e psicanálise: Derrida, leitor de Freud. **Revista Natureza humana**. V. 9, n. 2, p. 275-298, 2007.

GABBI JUNIOR, Osmyr. Sobre o uso da linguagem na psicanálise. **Revista Ide**. V. 45. São Paulo, 2007.

IBERTIS, Carlota. Acerca da sensibilidade tátil da teoria freudiana. **Revista departamento de filosofia da USP**. V. 49, n. 1, 79-90, 2019.

JUNIOR, Nelson Ernesto Coelho. Inconsciente e percepção na psicanálise Freudiana. *Revista de Psicologia USP*. V. 10, n. 1, p. 25-54, 1999.

NAMBA, Janaína. Representação e tradução no texto de Freud sobre as afasias. In: **rapsódia** – almage de filosofia e arte. Departamento de Filosofia – FFLCH – USP, São Paulo: 2012.

7.2 LIVROS

ASSOUN, Paul-Laurent. **Metapsicologia Freudiana**: Uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

CAROPRESO, Fátima. **O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud**. São Carlos: EDUFSCCar, 2008.

CAROPRESO, Fátima. **Freud e a natureza do psíquico**. São Paulo: Annablume, 2010.

CAROPRESO, Fatima. SIMANKE, Richard. O inconsciente na primeira teoria freudiana do aparelho psíquico. In: *Psicanálise em perspectiva IV*. Organizadores: Claudia Murta, Francisco Verardi Bocca e Richard Theisen Simanke. Curitiba-PR: CRV editora. 2013.

FONSECA, Eduardo. **Uma estreita passagem**: o conceito de corpo nas obras de Schopenhauer e Freud. Curitiba: Ed. UFPR, 2016.

FREUD, Sigmund. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**. (1887-1904). Editado por Jeffrey Moussaieff Masson, Imago Editora. 1986.

_____. (1886). [Ueber den Ursprung des N. acusticus – part.1](#), **Monatsschrift für Ohrenheilkunde**, Jahrgang 20, N° 8, August 1886, Berlin, Expedition der Allgem. Medicinischen Central-Zeitung (J. J. Sachs' Erben), 1886, pp. 245-251. (Sobre a origem do nervo acústico – parte 1)

- _____. (1886). [Ueber den Ursprung des N. acusticus – part.2](#), **Monatsschrift für Ohrenheilkunde**, Jahrgang 20, N° 9, september 1886, Berlin, Expedition der Allgem. Medicinischen Central-Zeitung (J. J. Sachs' Erben), 1886, [Wien, Juli 1886], pp. 277-282. (Sobre a origem do nervo acústico – parte 2)
- _____. (1891) **Sobre a concepção das afasias**: um estudo crítico. V. I, Tradução de Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.
- _____. **La afasia**. (1891). Buenos Aires: Nueva Vision, 1973.
- _____. **Zur auffassung der aphasien**: eine kritische studie. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch verlag gmbh, 1992.
- _____. **Proyecto de una psicologia para neurologos y otros escritos**. (1895). Madrid: Alianza Editorial, 1974.
- _____. Estudos sobre a histeria. (1893-1895). V. II, Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- _____. Projeto para uma psicologia científica. (1895). In: **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. V. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. Carta 59. (1897). In: **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. V. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. Observação de um caso grave de hemianestesia em um homem histórico. (1886). In: **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. V. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. Carta 71. (1897b). In: **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. V. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. Rascunho M. (1897). **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. V. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. Carta 52. (1896). In: **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. V. 1, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. Carta 52. (1896). In: **Primeras publicaciones psicoanalíticas**. V. 3, Buenos Aires: Amorrortu editores, 1991.
- _____. Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e históricas. (1893). In: **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. V. 1, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. **A interpretação dos sonhos**. (1900). V. 4, São Paulo: Companhia das letras, 2019.

_____. **Estudos sobre a histeria.** (1893-1895). São Paulo: Companhia das letras, 2016.

_____. **Mas alla del principio del placer.** (1920). V. III, Tradução direta do alemão de Luiz Lopes. Madrid: Biblioteca nueva, 1981.

_____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. (1911c). In: **O caso de Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos.** V. XII, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. A repressão. (1915). In: **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos.** V. XII, São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos.** São Paulo: Companhia das letras, 2010. Tradução e notas de Paulo Cesar de Souza.

_____. (1918). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In: **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos.** São Paulo: Companhia das letras, 2010. Tradução e notas de Paulo Cesar de Souza.

_____. **Pulsões e seus destinos.** (1915). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. (1923-1925) **Das ich das es.** Leipzig, Viena e Zurique: Internationaler Psychoanalytischer Verlag. Disponível em <https://archive.org/details/Freud_1923_Das_Ich_und_das_Es_k> acessado de março a maio de 2018.

_____. O Eu e o Isso. (1923-1925). In: **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos.** Tradução de Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. Neurose e psicose(1924). In: **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos.** Tradução de Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924). In: **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos.** Tradução de Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. Feminilidade. (1933). In: **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias a psicanálise e outros textos**. Tradução de Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das letras, 2010.

GABBI, Osmyr. Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana. In: PRADO Jr., B., org. **Filosofia da psicanálise**. São Paulo, Brasiliense, 1991. p. 181-97.

GABBI-JUNIOR, Osmyr. **Alice e a metapsicologia**: a psicanálise como teoria do contra-senso. Cadernos do instituto de filosofia e ciências humanas, n. 23, 1992.

GABBI-JUNIOR, Osmyr. **Notas a projeto de uma psicologia**: as origens utilitaristas da psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991. v.l.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar editora, 1996.

LAPLANCHE, Jean. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes médicas, 1985.

LECOURT, Edith. **Freud e o universo sonoro**. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

MENÉNDEZ, Ada Jimena. Algumas considerações a respeito da temporalidade da escrita da percepção na obra freudiana. In: **Filosofia da psicanálise**: autores, diálogos, problemas. São Carlos: UFSCAR, 2010.

MONZANI, Luiz Roberto. **O movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PEREZ, Daniel. BOCCA, Francisco. BOCCHI, Josiane. Ontologia sem espelhos: ensaio sobre a realidade – Descartes, Locke, Berkeley, Kant, Freud. Curitiba: Editora CRV, 2014.

PORCHAT, Patrícia. **Freud e o Teste de realidade**. Editora Casa do psicólogo. 2005.

7.3 DICIONÁRIOS E VOCABULÁRIOS

HANNS, Luiz Alberto. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MICHAELIS: pequeno dicionário: alemão-português, português- alemão/ Alfred Josef Keller. – São Paulo: Melhoramentos, 1994.